A Reencarnação

"Nascer, morrer, renascer ainda. Progredir sempre, tal é a lei."

ESPIRITISMO: CIÊNCIA, FILOSOFIA, RELIGIÃO.
ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO RIO GRANDE DO SUL
2º SEMESTRE DE 2019 - Nº 456 - ISSN 2357-8092 - R$ 20,00

Espiritismo: Estude e Viva

A Reencarnação

"NASCER, MORRER, RENASCER AINDA. PROGREDIR SEMPRE, TAL É A LEI."
ESPIRITISMO: CIÊNCIA, FILOSOFIA, RELIGIÃO.
Órgão de Divulgação da Federação Espírita do Rio Grande do Sul
http://www.fergs.org.br acom@fergs.org.br
2º semestre de 2019 - Nº 456 Preço R$ 20,00 ISSN 2357-8092

Fundador: Oscar Breyer
Data de Fundação:
3 de outubro de 1934
Registro no CRC sob nº 211.185,
cadastro nº 458/p.209/73 do DC

Expediente

Federação Espírita do Rio Grande do Sul

Redação e Administração: Travessa Azevedo, 88
Fone: (51) 3224.1493 - Porto Alegre/RS - CEP 90220-200 - Brasil

Presidência: Gabriel Nogueira Salum
Vice-Presidências:
Administrativa: Rogério Stello
Doutrinária: Antônio Augusto Chaves do Nascimento
Unificação: Maria Elisabeth da Silva Barbieri
Relações Institucionais: Lea Bos Duarte

DIRETORIA EXECUTIVA
Atendimento Espiritual no Centro Espírita: Helena Bertoldo da Silva
Mediunidade: Antônio Augusto Chaves do Nascimento
Família: Marlise Ribeiro
Infância e Juventude: Taís Crisiani da Luz
Comunicação Social Espírita: Fernanda Kavaliunas
Assistência e Promoção Social Espírita: Marta Marques
Pesquisa e Documentação: Ângela Bairros Oyarzábal
Estudo do Espiritismo: Cleusa Conceição Terres Schuch
Livro Espírita: Rosi Helena Peixoto Possebon
Tecnologia da Informação: Fabian de Souza
Programas e Projetos: Daniela Conforti
Marketing: Bárbara Demétrio
Patrimônio: José Marcelo Stello

Diretora da Área de Comunicação Social Espírita: Fernanda Kavaliunas
Coordenador do Setor de Publicações: João Alessandro Müller
Revisão: Paulo Cichelero
Jornalista Responsável: Luiza Müller
Projeto Gráfico, Diagramação e Capa: Cláudia Regina Silveira Faria
Imagens: Acervo FERGS, iStock.

1ª Secretaria: Ana Maria de Jesus Silveira
2ª Secretaria: Maria da Graça Malaguez
1ª Tesouraria: Renato Haag
2ª Tesouraria: José Arthur Bock

Sumário

1 - Editorial, 2

2 - A Importância do Estudo do Espiritismo para a Humanidade, 4

3 - Kardec - O método da conversação para uma aprendizagem vivencial, 12

4 - Atualidade do Espiritismo, 24

5 - A Área do Estudo do Espiritismo, 32

6 - Estude e Viva o Espiritismo, 38

7 - O Centro Espírita como Escola da alma, Ensinando a Viver, 44

8 - O Papel do Facilitador de Grupo de Estudo do Espiritismo, 50

9 - Inclusão e Acessibilidades: Uma oportunidade de aprendizagem nos grupos de estudo, 56

10 - As Interrelações Pessoais nos Grupos de Estudo, 64

Editorial

Quem escreveu a introdução de “O Livro dos Espíritos” deve ter a alma aberta a todos os sentimentos nobres. A todos os deserdados da Terra, a todos quantos avançam ou caem, regando com as lágrimas o pó da estrada, diremos: Lede “O Livro dos Espíritos”; ele vos tornará mais fortes. Também aos felizes, aos que em seu caminho só encontram as aclamações da multidão e os sorrisos da fortuna, diremos: Estudai-o e ele vos tornará melhores. (Courrier de Paris – 11.07.1857 - Revue Spirite, 1858)

A palavra do jornalista, trazida em um dos mais relevantes veículos de imprensa da capital francesa no século XIX, em texto publicado menos de três meses após o lançamento de O Livro dos Espíritos, é uma das muitas expressões da magnitude do Espiritismo e sua proposta redentora dirigida à razão e ao coração da humanidade terrena.

Surge O Consolador, conforme prometera Jesus, para continuar e aprofundar os Seus ensinamentos, bem como para retificar as interpretações do Evangelho levadas a efeito em decorrência de interesses menores, do orgulho e do egoísmo que muitas vezes se interpõem entre o Espírito imortal e a compreensão da Lei Divina.

Estabelecendo renovadora aliança entre ciência e religião, valendo-se do elo filosófico que integra o tríplice aspecto da Terceira Revelação, o Espiritismo volta-se à edificação de uma fé sólida e perene, libertando-nos dos grilhões da ignorância e consolando-nos o coração das muitas aflições que ainda nos ferem em um mundo de provas e expiações.

No item “Prolegômenos” de O Livro dos Espíritos – obra inaugural da Codificação Kardequiana, encontramos importantes elementos para que possamos sorver com inteireza do bálsamo que Deus dirigiu a seus filhos através da Doutrina Espírita:

> Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal e que, sendo eles os ministros de Deus e os agentes de sua vontade, têm por missão instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade.
>
> Este livro é o repositório de seus ensinos. Foi escrito por ordem e mediante ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema. Nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem obra daquele que recebeu a missão de os publicar. (O Livro dos Espíritos, Prolegômenos).

Grifamos alguns trechos que bem ressaltam o caminho proposto para libertar os corações e as mentes, arrebatando-os finalmente para a vivência de uma era nova, para a regeneração do orbe terreno. **A instrução e o esclarecimento**, através de um **estudo metódico** – descobrindo e recolhendo os tesouros depositados em cada palavra das obras espíritas pelos Espíritos Superiores e pelo próprio Allan Kardec. **Um estudo capaz de nos apartar dos preconceitos – edificando a fraternidade e a empatia – e do espírito de sistema – dobrando-nos o orgulho e a rigidez que outrora fez verter sangue e lágrimas nas próprias fileiras cristãs.**

Eis o estudo do Espiritismo, impregnado de amor e entendimento, de conhecimento voltado à vivência, de reflexões coerentes que nos retificam o passado, vivificam o presente e edificam desde já um futuro mais pacífico e feliz na intimidade de nossas almas e no seio da grande família humana.

Pela beleza e notável condição transformadora dessa proposta de trabalho e de vida é que revisitamos a temática em mais uma edição da revista A Reencarnação.

Qualquer que seja a sua condição espiritual, intelectual, emocional ou afetiva nesse momento, leia os artigos que integram a revista. São textos cunhados para que melhor conheçamos a estrutura de trabalho do Movimento Espírita voltada ao estudo do Consolador, bem como especialmente elaborados para que priorizemos em nossas vidas as leituras, diálogos e decisões advindas dos conteúdos estudados.

Dedicamos a presente edição, com carinho e gratidão, a todos os estudantes do Espiritismo, dos menos aos mais experientes, assim como aos trabalhadores que têm entregue as suas contribuições sinceras a fim de que em cada centro espírita e em cada coração o estudo e a vivência da Doutrina Espírita façam “brilhar a nossa luz”.

ARTIGO

A Importância do Estudo do Espiritismo para a Humanidade

André Henrique de Siqueira*

* Coordenador Nacional da Área de Comunicação Social Espírita FEB/CFN. Contato: andrehsiqueira@gmail.com

Uma figueira, uma maçã, uma mesa girando e um lápis correndo pela eternidade... A história é uma sucessão de fatos sob um olhar crítico a lhes dar sentido, propósito e contexto.

A história da humanidade pode ser contada sob muitos aspectos. Escolhemos imagens, elegemos personas e narramos fatos – ou aproximações deles...

A mais empolgante das histórias – ao menos para este escritor – é a que narra a busca humana pela verdade, seus atropelos, descobertas, equívocos e contradições... De tudo resultando uma aproximação da realidade, mimetizada no conhecimento, instrumentalizada pelo poder de atuar na ordem das coisas em consonância com as leis naturais.

Em múltiplos tempos e sob muitos olhares a realidade foi colocada sob o escrutínio da investigação, com o sempre atual propósito de compreender e melhorar o mundo em que vivemos.

A figueira, a maçã, a mesa girando e o lápis pela eternidade são todos segmentos destas histórias de construir representações da verdade para que a humanidade compreenda o universo em que vive. Cada um deles apresenta um símbolo deste olhar. As narrativas da história se alternam entre mitos, diálogos, experimentos e cálculos. Através destes sistemas simbólicos a história se define, se refuta, se transforma e se supera.

Das narrativas antigas, geradas na mitologia oral, chega à contemporaneidade a narrativa da

criação do homem e sua descoberta do conhecimento. A Gênese mosaica descreve o mito da criação do universo desde o verbo divino. Nele a figueira é mencionada como suporte de proteção para a humanidade (Gên 3:7), que tendo comido o fruto do conhecimento, reconheceu a própria nudez (seria a descoberta da ignorância?) e vestiu-se com as folhas pudicas da cultura (a figueira é um dos primeiros símbolos da cultura do povo hebreu).

A figueira representa o uso da natureza em benefício da humanidade. O entendimento de sua essência e o emprego dela como suporte para a alimentação, a saúde e a vestimenta representam a capacidade humana de compreender os padrões da natureza e interagir com ela dentro das leis que representam o seu ciclo: o tempo de plantar, o tempo de colher, o tempo de cuidar...

Em torno da cultura agrícola, na qual o espírito humano erigiu suas primeiras civilizações, edificou-se a noção de lei – como expressões de comportamentos regulares da natureza, e a noção de justiça – como capacidade de adequar-se às leis da natureza. E se as coisas obedeciam às leis naturais, certamente o homem deveria obedecer a um conjunto de leis – humanas ou divinas. Surgiu a sociedade organizada em torno de narrativas do conhecimento, interpretando a natureza e seus fatos para edificar uma ordem social.

Do símbolo da figueira desenvolveram-se os mitos, dos mitos as regras, das regras as condutas... Cada povo com sua árvore específica e seus apetrechos de entendimento das leis naturais. O Nilo no Egito, a oliveira na Grécia, o sândalo na Índia... Deles construiu-se as reflexões filosóficas, as artes, as literaturas, o espírito dos povos.

Mais tarde, no Ocidente, veremos o impacto da maçã. O fruto caído da macieira explicou para Isaac Newton o funcionamento da gravidade e prestou-se adequadamente para a narrativa do cálculo como instrumento explicativo da realidade. A matemática, antes praticada em esforços de geometria (medição da terra), torna-se ferramenta da cosmometria (medição do universo). E a dinâmica da gravidade mostrava-se sublime expressão da vontade divina expressa na roupagem de fórmulas e expressões, a revelar os segredos minuciosos do universo. Da queda da maçã ao lançamento do foguete que pousou na lua, a humanidade apropriou-se da narrativa da ciência como base para o domínio tecnológico a desvendar a realidade e capacitar o homem para interferir no universo material.

O século XIX engalanou-se com o ideal positivista. Nada parecia resistir ao escrutínio da experiência, à explicação das relações que dos efeitos remontavam às causas construindo modelos determinísticos para o comportamento do universo. E a humanidade sucumbiu à tentação reducionista de resumir o universo como se fosse uma máquina. Dominado pelas leis da mecânica-dinâmica, o universo desencantava na matemática das forças a máquina do mundo.

Foi no meio da festa racionalista-empirista representada no Iluminismo europeu que uma mesa começou a girar...

Os fenômenos do magnetismo natural – aqueles nos quais os objetos se movimentavam sem o contato entre os corpos e o magnetismo humano –, aquele em que o espírito humano expressava sua capacidade de atuar a distância pela força exclusiva da vontade, ganharam interesse na Europa. Embora incompreendido e classificado como pseudociência pelos estudos acadêmicos, o magnetismo animal foi estudado com afinco pelos sábios do século XIX. E foi utilizado como ponto de partida para a análise de um fenômeno muito comum: a movimentação de mesas sem que lhes pudesse identificar a causa. De tão comum, o fenômeno virou diversão...

E novamente os fatos foram capturados em uma narrativa esclarecedora. O esforço de compreender a chamada dança das mesas levou o professor Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869) a um estudo aprofundado quanto à natu-

reza das causas que faziam mesas girarem e responderem perguntas. A sua narrativa quanto ao primeiro contato com o fenômeno é muito elucidativa:

> [...] eu concebia o movimento por efeito de uma força mecânica, mas, ignorando a causa e a lei do fenômeno, afigurava-se-me absurdo atribuir-se inteligência a uma coisa puramente material. Achava-me na

> posição dos incrédulos atuais, que negam por que apenas veem um fato que não compreendem (KARDEC, 1976, p. 324).

E segue:

> [...] presenciei o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida. Assisti então a alguns ensaios, muito imperfeitos, de escrita mediúnica[1] numa ardósia, com o auxílio de uma cesta. Minhas ideias estavam longe de precisar-se, mas havia ali um fato que necessariamente decorria de uma causa. Eu entrevia, naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo (KARDEC, 1996, p. 326).

Lá estava novamente a humanidade diante de sua ignorância. Novamente o homem estava nu e recorria à folha da figueira para construir um novo entendimento sobre a realidade...

O professor Rivail esmerou-se em desvendar o mistério das forças por trás das mesas que giravam. As primeiras hipóteses eram de natureza mecanicista: “Se tal fenômeno se houvesse limitado ao movimento de objetos materiais, poderia explicar-se por uma causa puramente física” (KARDEC, 1995, Introdução, Item III). Mas depois identificou a necessidade de outras explicações pela insuficiência do mecanicismo físico para resolver o problema. E destacou:

[1] Tipo de escrita em que um Espírito usa os recursos de uma pessoa para registrar o seu próprio pensamento. Para ver sobre este tem: Kardec (1996).

> Se os fenômenos, com que nos estamos ocupando, houvessem ficado restritos ao movimento dos objetos, teriam permanecido, como dissemos, no domínio das ciências físicas. Assim, entretanto, não sucedeu: estava-lhes reservado colocar-nos na pista de fatos de ordem singular. Acreditaram haver descoberto, não sabemos pela iniciativa de quem, que a impulsão dada aos objetos não era apenas o resultado de uma força mecânica cega; que havia nesse movimento a intervenção de uma causa inteligente (KARDEC, 1995, Introdução, Item IV).

Rivail deparou-se com um fato inusitado na construção das ideias explicativas: o próprio fato forneceu explicações para sua causa!!!:

> O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que era Espírito ou Gênio, declinou um nome e prestou diversas informações a seu respeito. Há aqui uma circunstância muito importante, que se deve assinalar. É que ninguém imaginou os Espíritos como meio de explicar o fenômeno; foi o próprio fenômeno que revelou a palavra. Muitas vezes, em se tratando das ciências exatas, se formulam hipóteses para dar-se uma base ao raciocínio. Não é aqui o caso.

Novamente nu. Figueira, maçã e mesa. Restava o lápis escrevendo na eternidade...

O reconhecimento da existência de uma inteligência como causa do fenômeno trazia o tema para um plano muitíssimo importante: desafiava a confiança na morte!

Se os Espíritos dos mortos podiam expressar seus pensamentos depois de ultrapassar as margens do Estige e do Aqueronte[2], então era preciso reconhecer nossa ignorância científica quanto à natureza da morte e revisar o pensamento materialista de que o homem é apenas uma máquina – donde resultam severas consequências filosóficas e morais para o entendimento humano sobre a realidade.

A doutrina espírita, conjunto de ideias resultantes das dissertações de diferentes Espíritos, por diferentes médiuns e em diferentes localidades, foi codificada pelo professor Rivail, que assumiu o pseudônimo de Allan Kardec e deu a ela o nome de Espiritismo.

As dissertações dos Espíritos exaravam-se através do lápis de diferentes médiuns a comunicar a canção da imortalidade e desvendar os mistérios de Além-Túmulo.

O Espiritismo apresenta-se como ciência que tem por objeto o Espírito, sua origem, sua natureza, sua destinação e suas relações com o mundo natural. Como ciência, investiga fatos da fenomenologia espiritual e busca para eles as melhores explicações. Dos postulados da ciência espírita decorrem implicações de natureza filosófica que afetam o modo como a humanidade se define e projeta seu lugar no universo. Ontologia, epistemologia, ética, estética e lógica são afetadas profundamente ante a descoberta da imortalidade da alma. E com isso a religião exige uma revisão de seus fundamentos. Deixa de ser objeto de crença para estender-se ao plano da experimentação racional e empírica, causando uma objetivação da espiritualidade em termos de um existencialismo da imortalidade. Reconfiguram-se Ciência, Filosofia e Religião ante as descobertas do Espiritismo.

Eis-nos numa humanidade novamente nua, contemplando nossa própria ignorância.

[2] O Aqueronte e o Estige eram, na mitologia grega, rios por onde as almas passavam sem esperança de regressar.

Estudar o Espiritismo é desafio de superação. Significa enfrentar a comodidade da crença ou a resistência do ceticismo contumaz em prol da busca de explicações para o fenômeno da mediunidade. Mas identificada a causa do fenômeno, a reflexão ganha conotações filosóficas e o modo de pensar e agir exige a reflexão de novos valores, de mais amplos conhecimentos, de mudanças de atitudes... Então o Espiritismo transforma-se em um modo de enxergar a vida e de vivê-la.

Engana-se quem enxerga no Espiritismo uma coleção de dogmas fideístas. Seu estudo reclama persistência e observação. Não se trata de fazer proselitismo, mas de preparar o pensamento humano para a imortalidade.

Uma figueira, uma maçã, uma mesa girando e um lápis correndo pela eternidade... A história é uma sucessão de fatos... E os fatos postos nos levaram a uma nova compreensão da vida. O desafio do bom senso nos faz compreender a importância do estudo do Espiritismo para a humanidade:

> As comunicações com os seres de além-túmulo deram em resultado fazer-nos compreender a vida futura, fazer-nos vê-la, iniciar-nos no conhecimento das penas e gozos que nos estão reservados, de acordo com os nossos méritos e, desse modo, encaminhar para o espiritualismo os que no homem somente viam a matéria, a máquina organizada. Razão, portanto, tivemos para dizer que o Espiritismo, com os fatos, matou o materialismo. Fosse este único resultado por ele produzido e já muita gratidão lhe deveria a ordem social. Ele, porém, faz mais: mostra os inevitáveis efeitos do mal e, conseguintemente, a necessidade do bem. Muito maior do que se pensa é, e cresce todos os dias, o número daqueles em que ele há melhorado os sentimentos, neutralizado as más tendências e desviado do mal. É que para esses o futuro deixou de ser coisa imprecisa, simples esperança, por se haver tornado uma verdade que se compreende e explica, quando se veem e ouvem os que partiram lamentar-se ou felicitar-se pelo que fizeram na Terra. Quem disso é testemunha entra a refletir e sente a necessidade de a si mesmo se conhecer, julgar e emendar (KARDEC, 1995, Conclusão, Item VIII).

Referências

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Trad. de Guillon Ribeiro. 76. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

_____. **O Livro dos** Médiuns. Trad. de Guillon Ribeiro. 62. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

_____. **Obras** póstumas. Trad. de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 1976.

ARTIGO

KARDEC

Maria Elisabeth da Silva Barbieri*

* Vice-presidente de Unificação da FERGS.

O método da conversação para uma aprendizagem vivencial

1. Introdução

Gosto muito da frase do educador Mário Sérgio Cortella, que diz que o conhecimento serve para encantar as pessoas, não para humilhá-las.

Lembro disto quando, diuturnamente, busco apropriar-me um pouco mais da grandiosidade dos princípios da Doutrina Espírita e, a cada novo insight que as reflexões provocam, o encantamento se faz, porque desvenda aspectos encobertos, até então, pelo véu da ignorância.

Kardec traduz muito bem a contribuição do conhecimento espírita para a humanidade na seguinte assertiva:

> O Espiritismo, mais bem entendido hoje, acrescenta, para os incrédulos, a evidência à teoria; prova o futuro com fatos patentes; diz em termos claros e sem equívoco o que o Cristo disse por parábolas; explica as verdades desconhecidas ou falsamente interpretadas; revela a existência do mundo invisível ou dos Espíritos, e inicia o homem nos mistérios da vida futura; vem combater o materialismo, que é uma revolta contra o poder de Deus; vem, enfim, estabelecer entre os homens o reino da caridade e da solidariedade anunciado pelo Cristo. Moisés lavrou, o Cristo semeou, o Espiritismo vem colher.[1]

Tão importante a era iniciada pelo conhecimento espírita no mundo, que ainda provoca, mais de um século e meio depois da publicação do primeiro livro da Codificação, tamanha resistência por parte das almas e dos Espíritos que se arregimentam contra a sua divulgação. Embora estejamos já distanciados do tempo em que a prática da Doutrina Espírita era criminalizada na Lei Penal Brasileira[2], outros argumentos e estratagemas se alinham para retardar a marcha dos efeitos moralizadores e salutares que traz consigo.

Indagamos: como é possível tamanha resistência à difusão de uma proposta com esse teor de elementos redentores, pacificantes e felicitadores para a humanidade, qual seja, o Espiritismo?

Jesus, em um dos muitos embates com os fariseus, um deles narrado por João 8:31-32, identifica a dificuldade dos homens submetidos aos vícios e hábitos malsãos em agregarem o conhecimento libertador e transformarem suas vidas – “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.[3]

A transformação moral proposta pelo Espiritismo requer que as criaturas operem o desenvolvimento de uma nova visão acerca do mundo e de si mesmas, em atendimento à continuidade da revelação da lei divina que vai, paulatinamente, sendo descortinada ao espírito humano e convocando-o ao aprimoramento incessante.

Tal como ao tempo da encarnação de Jesus, em que as suas falas de igualdade entre os homens, de oposição ao cativeiro e de necessidade da unidade com Deus, dentre outras, eram consideradas heresias e afronta aos poderes temporais constituídos, nós vivemos hoje o confronto com os interesses pessoais que desejam manter o cativeiro das paixões, a desigualdade que faz excluídos e sustenta os poderes temporais em todas as instâncias, nutridos muitas vezes pelos miasmas da corrupção.

Assim, o conhecimento espírita, como bem assevera Kardec:

> [...] não é uma luz nova, mas uma luz mais brilhante, porque surgiu

de todos os pontos do globo pela voz daqueles que viveram. Tornando evidente o que era obscuro, põe fim às interpretações errôneas, e deve religar os homens a uma mesma crença, porque não há senão um Deus, e suas leis são as mesmas para todos; ele marca, enfim, a era dos tempos preditos pelo Cristo e pelos profetas.[4]

Esta assertiva do Codificador reforça a ideia de que o estudo e a compreensão dos princípios da lei divina, aclarados pelo Espiritismo, auxiliam na mudança de hábitos que é um desafio gigantesco e somente pode ser empreendido individualmente pela alma humana, unindo vontade e liberdade de escolha. Essa constatação, longe de entristecer-nos ou desanimar-nos, acende o encantamento que deve nos envolver e impulsionar.

A frase de Cortella, em leitura mais apressada, pode dar a impressão de apenas se referir ao fato de utilizarmos o nosso conhecimento para humilhar os outros, mas penso que, muitas vezes, podemos nos sentir humilhados ante o que conhecemos, sabemos e não conseguimos vivenciar. E isso tende a nos situar em posição de falsa modéstia ou levar-nos a tecer algumas máscaras do ego, ao invés de promover o enfrentamento das nossas mazelas e a superação dos conflitos que elas engendram.

Encantemo-nos, pois, com o conhecimento que o Espiritismo proporciona, transformando o estudo em momentos de viagens deslumbrantes pelo mundo interior, conciliando o que o exterior fornece em recursos para o progresso, pois “o objetivo essencial do Espiritismo é o melhoramento dos homens. Não é preciso procurar nele senão o que pode ajudar no progresso moral e intelectual”.[5]

2. Como estudar a Doutrina Espírita

Aristóteles diz que há sete formas ou graus de conhecimento: sensação, percepção, imaginação, memória, linguagem, raciocínio e intuição.

Divergindo do seu mestre Platão quanto à dualidade do mundo das ideias e do mundo sensível, ponderava que os nossos pensamentos não surgem do contato de nossa alma com o mundo das ideias, mas da experiência sensível. "Nada está no intelecto sem antes ter passado pelos sentidos", dizia o filósofo.

Por esta razão entendia que não havia uma ruptura entre o conhecimento adquirido pelo sentir e aquele auferido pelas ideias, mas sim uma continuidade entre as duas formas de aquisição.

Na introdução de *O Livro dos Espíritos* podemos apreciar, também, uma conjugação das formas de conhecimento sendo elaborada e aprimorada por Allan Kardec, orientado pelos Espíritos superiores.

O Codificador cuida da linguagem: Iniciando a introdução de *O Livro dos Espíritos*, afirma que "para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras".[6] E assim foi estabelecendo definições para vocábulos já existentes com outras conotações, como o caso da palavra *alma*, e criando outros novos como *espírita*, *espiritista* e *espiritismo* para descolar o significado de outros, já em voga, criando a terminologia científica da Doutrina. Essa é uma providência indispensável a ser tomada pelos nossos facilitadores dos grupos de estudo do Espiritismo, a fim de manter a integridade dos conceitos e promover o raciocínio e as reflexões em bases doutrinariamente corretas. Sem qualquer laivo de julgamento ou desapreço sobre outras correntes filosóficas ou científicas, quando estudarmos os princípios da Doutrina Espírita necessitamos assegurar a unidade fundamental e, ao utilizarmos outros campos do conhecimento, sabermos delimitar o que estes trazem em apoio ao que ela preceitua, sem permitir enxertias que desfigurem o conhecimento verdadeiro nela contido.

Kardec também considera, para a transmissão do conhecimento, a sensação, a percepção e a imaginação das pessoas, quanto à nova doutrina, abordando os conceitos a partir da ideia de que podiam surgir da observação incompleta e superficial dos fenômenos, apreciações distorcidas ou incompletas, como expõe a seguir:

> Como tudo que constitui novidade, a doutrina espírita conta adeptos e contraditores. Vamos tentar responder a algumas das objeções destes últimos, examinando o valor dos motivos em que se apoiam sem alimentarmos, todavia, a pretensão de convencer a todos, pois muitos há que creem ter sido a luz feita exclusivamente para eles. Dirigimo-nos aos de boa-fé, aos que não trazem ideias preconcebidas ou decididamente firmadas contra tudo e todos, aos que sinceramente desejam instruir-se e lhes demonstraremos que a maior parte das objeções opostas à doutrina promanam de incompleta observação dos fatos e de juízo leviano e precipitadamente formado. Lembremos, antes de tudo, em poucas palavras, a série progressiva dos fenômenos que deram origem a esta doutrina.[7]

No que se refere ao raciocínio, vemos que é a essência mesma do conhecimento espírita o que pode ser deduzido de todas as passagens das obras fundamentais. Preconiza o Espiritismo a aquisição de uma fé que deflui do conhecimento e do estudo dos seus princípios, como nesta passagem lapidar, encontrada em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*:

> A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer. E, para crer, não basta *ver*; é preciso, sobretudo, *compreender*. A fé cega já não é deste século, tanto assim que precisamente o dogma da fé cega é que produz hoje o maior número dos incrédulos, porque ela pretende impor-se, exigindo a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. É principalmente contra essa fé que se levanta o incrédulo, e dela é que se pode, com verdade, dizer que não se prescreve. Não admitindo provas, ela deixa no espírito alguma coisa de vago, que dá nascimento à dúvida. A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa. A criatura então crê, porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão porque compreendeu. Eis por que não se dobra. *Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.*[8]

Eis mais um dos encantos do conhecimento espírita, a condição de fazer do homem o artífice de sua fé.

No que concerne *à* memória e *à* intuição, o conhecimento espírita lançou luzes por terrenos nunca dantes explorados, quais sejam, os da sobrevivência da alma e da sua capacidade de comunica*ção* com os homens. Inaugurou a era da "Ciência do Infinito"[9], como refere Allan Kardec.

> As ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos. As observações não podem, portanto, ser feitas da mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem. A Ciência, propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e qualquer que seja o seu julgamento, favorável ou não, nenhum peso poderá ter. O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal, que os sábios, como indivíduos, podem adquirir, abstração feita da qualidade de sábios. Pretender deferir a questão à Ciência equivaleria a querer que a existência ou não da alma fosse decidida por uma assembleia de físicos ou de astrônomos. Com efeito, o Espiritismo está todo na existência da alma e no seu estado depois da morte.[10]

Assim, o conhecimento do Espiritismo em razão do seu objeto de Estudo – o Espírito – é um processo que envolve elementos de ensino-aprendizagem utilizados em outros campos, mas também possui metodologia própria e fontes desconhecidas para a ciência ortodoxa, quais sejam, o mundo espiritual e suas revelações, bem como a forma de aferição da verdade.

A fé raciocinada e o estudo permanente da doutrina a qual aderimos são novos paradigmas, que por vezes custam a ser compreendidos em sua profundidade, pelos novos e até antigos profitentes. Por isso, em especial os facilitadores dos grupos, devem atentar para o magistério do Codificador ao dizer:

> Por isso é que dizemos que estes estudos requerem atenção demorada, observação profunda e, sobretudo, como aliás o exigem todas as ciências humanas, continuidade e perseverança. Anos são precisos para formar-se um médico medíocre e três quartas partes da vida para chegar-se a ser um cientista. Como pretender-se em algumas horas adquirir a ciência do infinito? Ninguém, pois, se iluda: o estudo do Espiritismo é imenso; interessa a todas as questões da metafísica e da ordem social; é todo um mundo que se abre diante de nós. Será de admirar que o efetuá-lo demande tempo, muito tempo mesmo?[11] (Sublinhado nosso.)

Este é um trabalho permanente a ser feito pelos facilitadores, dirigentes, coordenadores, enfim, despertando nos participantes dos grupos a consciência da importância do estudo perseverante e contínuo para que os seus efeitos se verifiquem na vida de cada um e na existência das instituições humanas.

Necessita-se sensibilizar as pessoas para o investimento na aquisição do conhecimento que transforma e imprime rumos diferenciados na caminhada de cada um e nos destinos das coletividades que formamos, desde a família até as nações.

Uma metodologia que temos desenvolvido e tem se revelado um indutor de bons resultados nos estudos sobre liderança, unificação e outras áreas federativas é a do Ciclo de Aprendizagem Vivencial – CAV. Este método, sem excluir outros tantos que têm a sua eficiência e efetividade, tem uma forma simples de aplicação e gera efeitos patentes, salutares, sensibilizadores naqueles que dele participam.

Descrevendo a metodologia para o programa de Estudos de Unificação, os seus organizadores elaboraram o texto a seguir, que peço vênia para compartilhar, por julgá-lo um recurso valioso para os estudos da Doutrina Espírita em geral.

"[...] O CAV desenvolvido nestes encontros de estudos faz uso de dinâmicas de grupos, jogos, recursos de mídia, enfim. O propósito do CAV e do uso de recursos é fazer desses encontros, sem perder a diretriz metodológica, uma vivência de aprendizagem ativa do grupo enquanto comunidade de aprendizado. Aliás, à aprendizagem vivencial se dá algum insight quando uma pessoa se envolve numa atividade, analisa-a criticamente, extrai algo útil dessa análise e aplica seus resultados a si mesma ou ao contexto em que se encontra inserida.

O fato é que o processo de aprendizagem é promotor de mudanças no comportamento do indivíduo, ainda mais em se tratando de temática relevante com o estudo da Doutrina dos Espíritos, a que os participantes do grupo, colaboradores efetivos do Centro Espírita ou em potencial, de modo direto ou indireto, estão vinculados.

Os roteiros de estudo, ou Guia do Facilitador, trazem a estrutura dos encontros orientados pela abordagem da temática doutrinária de modo vivencial, de acordo com a perspectiva de Educação de Adultos, coerente com a proposta de Kardec e com o que a Ciência da Educação vem chamando de metodologias ativas ou ensino ativo.

Segundo Althaus (2017), pesquisadora sobre o tema no contexto do ensino universitário, as metodologias de ensino ativas são aquelas formatadas de modo que o processo de ensino é concebido como um processo de mediação do educador, objetivando a construção ativa e colaborativa do conhecimento por parte do educando.

No cenário de um grupo de estudos espíritas, o CAV deve ser planejado e executado superando a lógica clássica de aula expositiva. Nele, sendo o facilitador um mediador do processo de aprendizagem, deve desenvolver etapas do CAV onde facilitador e participantes aprendem juntos mediante o protagonismo dos participantes desde atividades prévias aos momentos de encontros de estudo, de preparação, de pesquisa, no diálogo, até atividades durante o encontro de estudos na casa espírita, na realização de trabalhos em grupo e nas diversas dinâmicas e atividades que podem ser desenvolvidas e, previamente, descritas no guia do facilitador, a título de sugestão que é adaptável ao contexto de sua aplicação. Por meio do ensino ativo, a aprendizagem flui de modo colaborativo, no convívio fraterno, na construção coletiva do saber.

O CAV afasta a concepção da existência dos testes ou provas, sempre circunscritos ao ponto de vista de quem elabora, repleto de pontos cegos no que diz respeito à complexidade da aprendizagem dos sujeitos em sua dimensão espiritual, física, intelectual, social, moral etc. E, sendo a adesão ao grupo e aos processos de aprendizagem voluntária, os processos avaliativos possíveis seriam desenvolvidos como autoavaliação e coavaliação por parte dos participantes em relação à aprendizagem realizada e ao trabalho do facilitador, bem como de questões logísticas da instituição que contribuam com a execução das atividades. Daí o processo avaliativo contribui com a aprendizagem e não se prende à verificação de reprodução de conteúdos, em voga na pedagogia tradicional que não se aplica ao fim a que estamos nos propondo: contribuir com a formação do homem de bem.

A perspectiva dialógica de Educação de Adultos, onde o sujeito é protagonista de sua aprendizagem, necessária ao contexto espírita e coerente com a visão pedagógica de Rivail/Kardec, demanda autonomia, colaboração e engajamento por parte dos participantes do grupo de estudos nos encontros. Dada a diversidade presente em um grupo, também não é necessário que todos desenvolvam exatamente todas as atividades, os participantes podem ter papéis variáveis e diversificados nos estudos, sem que com isso se perca o protagonismo da própria aprendizagem.

Recordemos, igualmente, que nada obstante o papel do facilitador em suas especificidades, o planejamento do encontro, com base no guia sugerido, deve ser flexível e articulado com uma escuta sensível das necessidades formativas dos trabalhadores espíritas participantes do grupo, sempre dialogicamente alinhada com a abordagem teórica e metodológica.

O Ciclo de Aprendizagem Vivencial e suas etapas:

1 – Vivência (O Fazer):

O primeiro estágio da aprendizagem vivencial é ligado à aplicação e participação da dinâmica. Obviamente, se no processo após este estágio todo o aprendizado é relegado ao acaso, o trabalho do facilitador ficará incompleto. Quase toda atividade que implica autoavaliação e interação interpessoal pode ser usada neste estágio do CAV. Também é importante que o encontro seja preparado pelos participantes com a leitura prévia do conteúdo a ser trabalhado, a fim de que os resultados sejam expressivos.

O que se quer neste estágio do CAV é desenvolver uma base comum de dados para o diálogo que se fará em seguida. Os próximos quatro estágios do CAV são essenciais para que a aplicação da dinâmica tenha sentido. Durante a vivência pode ocorrer entusiasmo, bem como conflitos nas interações humanas. Mas estes fatores não são sinônimos de aprendizagem. Eles apenas fornecem um referencial comum para a investigação. As vivências se constituem de fabricação de produtos; dinâmicas de grupos, jogos de grupo, elaboração de histórias, dramatização, interações, solução de problemas, assistir a vídeos ou filmes, autoexposição, comunicação não verbal, redação, análise de estudos de casos, negociação, planejamento, pesquisa, dentre outras.

2 – Relato (O Sentir):

As pessoas, após vivenciarem uma atividade, estão prontas para compartilhar como se sentiram durante o evento. A intenção, aqui, é tornar disponível para o grupo a experiência de cada indivíduo na área do sentir. Este estágio envolve a descoberta do que aconteceu entre os indivíduos e o que estes acontecimentos provocaram no terreno das emoções e sentimentos, tanto em nível cognitivo quanto afetivo, enquanto a ativi-

dade estava se desenvolvendo. Também é um momento em que se pode trabalhar a percepção do clima do grupo durante a vivência. É um dos momentos que exigem maior habilidade do facilitador, porque não é um hábito para nós, ocidentais, falarmos de sentimentos. Somos afeitos ao processo de objetivação. Para aprender Espiritismo é fundamental a educação dos sentimentos e para educá-los precisamos conhecê-los, identificá-los, aceitá-los. Para tornar mais compreensível essa etapa, principalmente nos primeiros encontros em que ainda estamos familiarizando o grupo com o método, pode-se pedir para que os participantes trabalhem com recursos que facilitam a expressão, como por exemplo: carinhas de expressão, figuras, palavras-chave, cores, rodas das emoções/sentimentos etc.

O gerenciamento do tempo nessa etapa é fundamental, para que não se torne cansativo o relato dado pelos envolvidos na atividade. Em grupos maiores pode-se utilizar a técnica de zum-zum para o compartilhamento entre duplas, tomando as manifestações por amostragem.

3 – Processamento (O Avaliar):

É o relato do que aconteceu. A ideia desse procedimento é reconhecer o desempenho da equipe, do grupo ou pessoal durante a vivência. Onde poderia ser melhor, o que poderia ter mudado, que fatores contribuíram para as posturas adotadas, que ações poderiam ter sido realizadas e não foram. Abre-se, portanto, um diálogo favorecido pelo facilitador, de forma que o grupo conheça quais são os pontos relevantes do conhecimento a ser construído.

Em um processamento, a questão não é buscar culpados ou apontar responsabilidades, nem arquitetar complexos de culpa, mas sim procurar aprender com o que aconteceu.

É a fase do ciclo na qual os participantes podem observar e reconstruir os padrões de comportamento que adotaram e perceber as interações da atividade, a partir de relatos individuais.

Para facilitar essa fase pode-se fazer listagem de atitudes, avaliar os subgrupos por papéis desempenhados ou situações vivenciadas.

Principais perguntas que podem ser feitas aos participantes: Como podemos explicar o que aconteceu? Por que o êxito? O que motivou as dificuldades? Como se estabeleceu o processo de liderança? Se pudesse repetir a vivência, o que você mudaria?

4 – Generalizações
(O extrapolar da dinâmica para situações do cotidiano):

No estágio da generalização, os participantes deduzem princípios que podem ser aplicados em sua realidade, a partir da atividade. É essencial na aprendizagem vivencial que o participante do grupo identifique utilidade no conhecimento que está construindo, para a sua transformação e superação dos desafios que esteja vivendo. É um estágio muito espontâneo no ser humano este de visualizar similitude dos momentos da vivência com o cotidiano. Muitas vezes identifica e faz analogias com o comportamento de terceiros ou fatos que os envolvam. É o momento de o facilitador provocar o processo de autoconhecimento, convidando o grupo a focalizar a lente avaliativa na busca do autoconhecimento.

É importante que, nesta fase, as generalizações sejam dialogadas e apresentadas ao grupo, de forma oral ou visual. Esta estratégia facilita a aprendizagem. O facilitador precisa manter uma postura não avaliativa em relação ao que é aprendido, buscando do próprio grupo o complemento de ideias e generalizações incompletas. No estágio de generalizações, é facultado ao facilitador introduzir conclusões teóricas e resultados de pesquisas para enriquecer o aprendizado.

Principais perguntas a serem realizadas aos participantes: Como estas situações acontecem na vida de relação? Na família? No Centro Espírita? No Movimento Espírita?

5 – Aplicação (O Praticar):

O estágio de aplicação é o propósito para o qual todo o processo é planejado. É o momento em que os participantes transferem as generalizações para a situação real na qual estão envolvidos, e planejam comportamentos mais eficazes. Os indivíduos estão mais propensos a implementar suas aplicações planejadas quando as compartilham com outros. Voluntários podem ser solicitados a relatar o que pretendem fazer com o que aprenderam e isto pode encorajar outros a experimentar novos comportamentos."[12]

Algumas ferramentas podem ser utilizadas nesta fase: compor planos de melhoria tendo como ponto de partida as generalizações feitas pelo grupo, assumir compromissos junto com o grupo ou para com o grupo, formar subgrupos de interesses comuns para discutir generalizações concretas, dramatizar situações do dia a dia para ensaiar novas formas de comportamento.

Reprisando o que já dissemos, o CAV é um método simples, mas que auxilia o estudante na interiorização dos conteúdos e induz a reflexões para instrumentalizar vivências, percurso altamente significativo para a progressiva edificação de patamares do conhecer, do fazer e do ser.

3. Viver o espiritismo para o aperfeiçoamento da humanidade

A importância do estudo para um viver alinhado com a lei divina é muito bem sintetizado na frase de Guillon Ribeiro: "Estamos convictos de que a Doutrina Espírita, se nos favorece o engrandecimento do coração no cadinho das experiências vividas, igualmente nos enseja a exaltação da inteligência, situando-nos entre o estudo e a meditação a fim de que a sabedoria nos inspire a seleção dos valores morais que iluminem o Espírito".[13]

Cada novo princípio assimilado tem o condão de fortalecer as nossas crenças e sedimentar valores, fazendo com que os conflitos internos aflorem convidando-nos a novas escolhas alinhadas com o atual estágio evolutivo.

O psicólogo norte-americano Leon Festinger, discorrendo sobre a tese da dissonância cognitiva, refere-se à contradição entre a maneira como o indivíduo se comporta e a maneira como ele pensa, ou seja, é o resultado emocional proveniente de uma ação em que duas crenças distintas se chocam.

A dor de não poder vivenciarmos aquilo que sabemos é uma incoerência da qual resultam desde os desconfortos íntimos até as dores psicológicas intensas. Muitas vezes, até de forma inconsciente, nos sobrecarregamos com as culpas por aquilo que, embora saibamos, não conseguimos transpor para o terreno das vivências. Essa busca de consonância ou de coerência é o cerne dos impulsos que constroem a motivação para a mudança interior.

Por esta razão, cabe a todos os que se dedicam ao estudo e facilitação do estudo do Espiritismo desenvolver competências para o exercício da liderança servidora, inspirada em Jesus, a fim de exercermos influência saudável sobre as almas encarnadas que perderam o endereço de Deus e de si mesmas, a fim de que cumpram o objetivo da humanidade, que é a gravitação para a unidade Divina.

Por ocasião das comemorações dos 35 anos do ESDE, a Coordenação Nacional da Área de Estudo do Espiritismo enviou ao médium Divaldo Franco algumas perguntas para serem submetidas aos Espíritos amigos e, dentre estas, queremos finalizar o trabalho com a resposta daquela que dedicou sua vida a entregar aos sedentos da água viva do Evangelho um cantil revigorante que é o acesso ao conhecimento espírita em todas as fases da existência, desde a infância até a idade adulta:

> **AEE** – O que a senhora orientaria aos facilitadores de grupos de estudo da atualidade?
>
> Eu solicitaria a esses admiráveis e dedicados trabalhadores da Doutrina de Jesus que se entreguem a esse mister com amor, estando vigilantes para as necessidades que os tempos vierem a apresentar, tornando cada vez mais eficiente o programa iluminativo. Cecília Rocha.

Referências

1 KARDEC, Allan. **O Espiritismo na sua expressão mais simples e outros opúsculos de Kardec**. 3. ed. Brasília: FEB, 2019. it. 29, p. 30.

2 BRASIL. **Decreto n.º 847, de 11 de outubro de 1890**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 6 nov. 2019.

3 DIAS, Haroldo Dutra. **O Novo Testamento**. Brasília: FEB, 2013. p. 423.

4 KARDEC, Allan. **O Espiritismo na sua expressão mais simples e outros opúsculos de Kardec**. 3. ed. Brasília: FEB, 2019. it. 30, p. 30.

5 KARDEC, Allan. **O Espiritismo na sua expressão mais simples e outros opúsculos de Kardec**. 3. ed. Brasília: FEB, 2019. it. 35, p. 33.

6 KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 93. ed. Brasília: FEB, 2019. p. 13.

7 KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 93. ed. Brasília: FEB, 2019. p. 16.

8 KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiri-tismo**. 131. ed. Brasília: FEB, 2013. p. 256.

9 KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 93. ed. Brasília: FEB, 2019. p. 28.

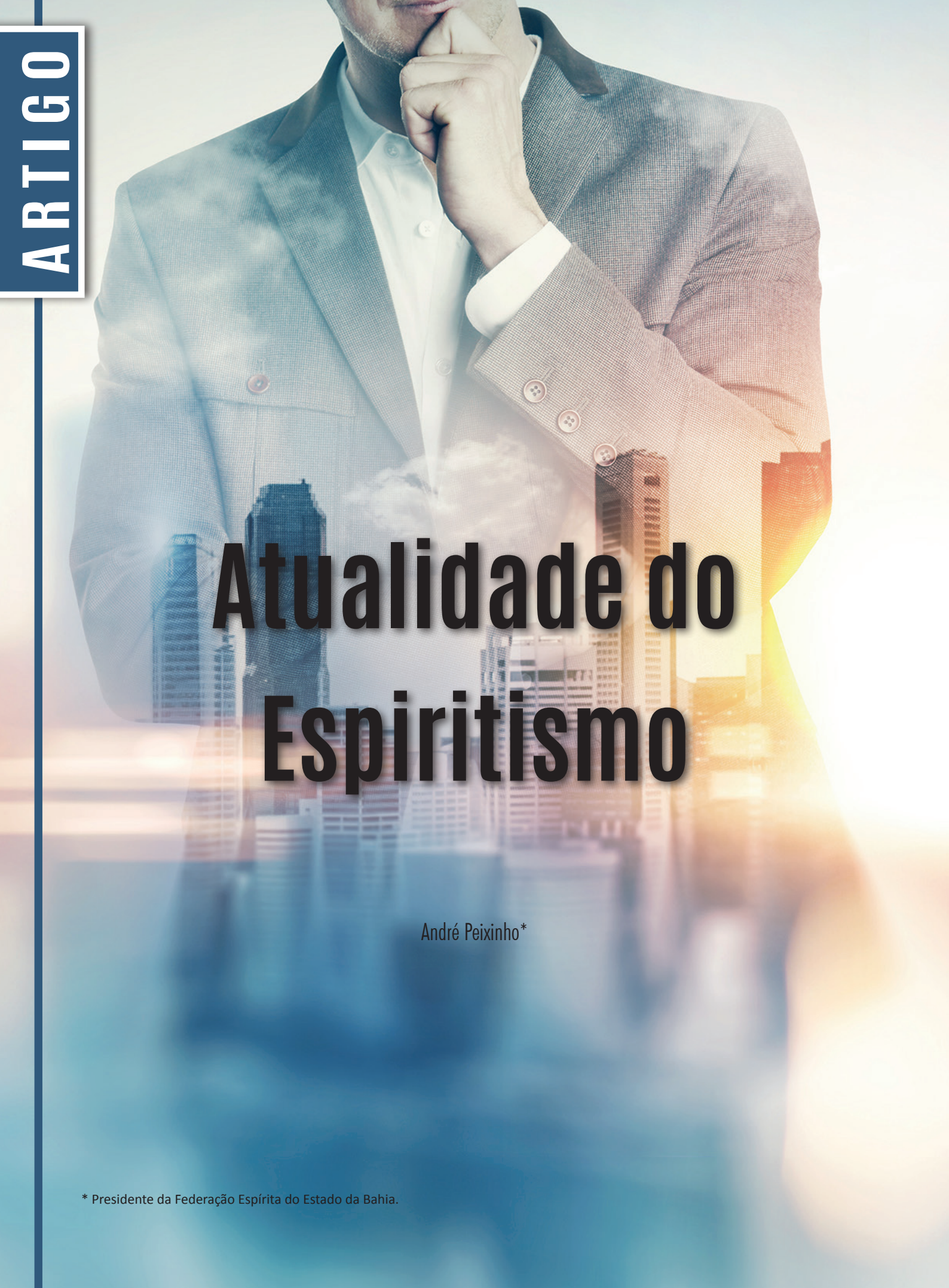
10 KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 93. ed. Brasília: FEB, 2019. p. 28.

11 KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 93. ed. Brasília: FEB, 2019. p. 38.

12 UNIFICAÇÃO, Vice-Presidência. **Programa de Estudos de Unificação**. Porto Alegre: Fergs, 2019. p. 11-13.

13 RIBEIRO, Julio Cezar Grandi. Tarefas. Pelo Es-pírito Guillon Ribeiro. **O Reformador**, Rio de Ja-neiro, n. 1773, p. 347, dez. 1976. Disponível em: <http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/re-vistas/1976/>. Acesso em: 1 nov. 2019.

ARTIGO



Atualidade do Espiritismo

André Peixinho*

* Presidente da Federação Espírita do Estado da Bahia.

Ao relembrarmos, após 160 anos, o lançamento do livro *O que é o Espiritismo*, de Allan Kardec, parece-nos pertinente indagar se os trabalhos publicados subscritos por este autor, constituindo o "sistema de conhecimento que revela a natureza espiritual do ser humano, sua realidade interexistencial e o processo de sua evolução"[1] que denominamos Espiritismo, contribuem na atualidade para o progresso da sociedade contemporânea. E para facilitar este entendimento utilizaremos de algumas categorias de análise, a saber: a validade do método de construção do saber espírita; a contribuição espírita para a superação da crise do paradigma materialista; a confirmação do pensamento espírita pela pesquisa científica; e a fecundidade do Espiritismo para apontar rumos civilizatórios.

A validade do método de construção do saber espírita

O próprio Allan Kardec narra que ao presenciar os fenômenos das mesas girantes compreendeu que se achava diante de uma descoberta que provocaria uma revolução de ideias e por isto assumiu uma atitude positivista e não idealista, em consonância com a epistemologia científica vigente. Entretanto, como o objeto de estudo era um ente com vontade própria, adaptou o método vigente à novel investigação. Assim, realizou uma pesquisa empírica, pois que baseada primeiramente nos fatos e informações oriundas do próprio fenômeno, conforme a recomendação newtoniana. Para validar a informação, fez análises de conteúdo comparativas com o auxílio de diferentes médiuns e uma gama diversificada de entes que se autodenominaram Espíritos, seres sem a vestimenta física que haviam habitado a Terra. Constituiu assim sua regra áurea, o equivalente à famosa navalha de Occam da ciência: só admitir conhecimentos universais que não contrariassem o bom senso, a razão, pois era melhor rejeitar provisoriamente uma verdade que introduzir uma falsidade no edifício do saber. Ora, este método de produção do conhecimento é inteiramente original; não é pessoal, pois resulta da manifestação coletiva dos Espíritos; experimenta uma parceria interexistencial inédita na história da humanidade; seus conteúdos são atualizáveis, como aconteceu com *O Livro dos Espíritos*, que na 2ª edição apresentava-se ampliado e com revisão de alguns conceitos, o que se pode constatar comparando qualquer edição completa com reedições da obra original[2]. Desse modo, atende aos critérios científicos atuais de estudos de casos, pesquisas qualitativas e controle experimental das fontes de informação.

Esta construção do conhecimento espírita fez de Kardec pioneiro na religação dos saberes. No período histórico que denominamos Modernidade, o Ocidente conheceu a autodeterminação das chamadas esferas culturais. Ciência, Filosofia, Religião e Arte encontraram seus próprios caminhos, práticas e saberes, dando um valioso contributo ao avanço do conhecimento humano. No entanto, ao proceder desta forma, exageraram na separatividade, tornando-se incomunicáveis, às vezes antagônicas, e no século XIX a Ciência é encarada como hegemônica e superior, cujo exemplo mais típico é o positivismo de Augusto Comte, que classificava a Religião e a Filosofia como infância e juventude do conhecimento, inapropriados para a vida adulta do saber, também chamada de positiva. Na contracorrente deste pensamento, Kardec inicia a religação dos saberes. Sua proposta começa com a definição de uma novel ciência que estuda a origem, a natureza e o destino de seres autorrevelados[3]. Ao publicar *O Livro dos Espíritos*, enfoca questões fundamentais da Filosofia e propõe em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* uma aliança entre a Ciência e a Religião. Também escreve alguns excertos e co-

1 ZIMMERMAN, Zalmino. **Espiritismo**: século XXI. São Paulo: Allan Kardec, 2011. p. 13.

2 Cf., por exemplo, a edição histórica bilíngue da obra, publicação da FEB (Brasília, 2013).

3 KARDEC, Allan. **O que é o Espiritismo**. 34. ed. Araras: IDE, 1995. p. 12.

municações, demonstrando a relevância da Arte e suas possibilidades de progresso. Seu trabalho encontra ressonância na contemporaneidade, pois hoje está em voga este objetivo cultural após a Declaração de Veneza[4], a qual conclama à construção de uma axiomática transdisciplinar das esferas culturais, tendo como expoentes pensadores como Ervin Laszlo, Ken Wilber, Edgar Morin, Pierre Weil, entre outros.

A superação do paradigma materialista

Entendemos como paradigma um modelo, um padrão que reúne saberes, comportamentos compartilhados por uma comunidade. Quando envolve descrições vastas, denominamos cosmovisão. O materialismo, desde o século XIX, preenche tais requisitos. Ele se caracteriza por colocar a matéria como a substância primordial e estruturante do universo, e, portanto, tudo se reduz à sua fenomenologia, inclusive a mente. Assim, fenômenos como a inteligência humana, a arte, a religião, a ética e até a própria ciência são produtos dos processos materiais do cérebro. Aplicado ao existir humano, conforma-o ao período entre a fecundação e a morte. Como consequência, admite que tudo flui para o nada, e valida a luta pela existência, a competição, o modo ter social, o imediatismo do prazer, o acúmulo de bens e o consumismo. Ao se assumir como objetiva, precisa, reprodutível, a ciência materialista excluiu do seu universo qualquer possibilidade de investigação do que não fosse encontrado no espaço euclidiano, percebido pelos cincos sentidos e representado pela razão.

Contrariando a hegemonia do materialismo, os Espíritos delimitam um escopo para o Espiritismo. Quando Kardec pergunta de que maneira pode o Espiritismo contribuir para o progresso, a resposta (à questão 799) é incisiva:

> Destruindo o materialismo, que é uma chaga da sociedade, ele faz os homens compreenderem onde está o seu verdadeiro interesse. A vida futura, não estando mais velada pela dúvida, o homem compreenderá melhor que ele pode assegurar seu futuro pelo presente. Destruindo os preconceitos de seitas, de castas e de cor, ele ensina aos homens a grande solidariedade que deve uni-los como irmãos.[5]

A crise paradigmática do materialismo nasceu na sua própria intimidade. Iniciou-se com as revoluções relativistas e quânticas na Física. E da mesma forma que o seu modelo moldou outras ciências, estas mudanças fizeram desmoronar as aparentes certezas geradas em todos os segmentos científicos caudatários. Hoje, proliferam textos e pesquisas que falam da emergência de um novo paradigma centrado na consciência, no ser atemporal e até mesmo no Espírito. São exemplos de publicações relevantes de pesquisadores: *O Fim do Materialismo*, de Charles Tart; *O Universo Autoconsciente e a Física da Alma*, de Amit Goswami; *Além do Cérebro*, de Stanislav Grof; *Espiritualidade Integral*, de Ken Wilber; *A Mudança do Sentido e o Sentido da Mudança*, de Pierre Weil; *A Ciência e o Campo Akáshico*, de Ervin Laszlo; *A Visão Sistêmica da Vida*, de Fritjof Capra e Pier Luigi Luisi, entre outros de menor divulgação.

Todos eles apresentam suas propostas e investigações criticando o dogmatismo em que se encastelou a visão do materialismo e mostrando que a totalidade da experiência humana não pode por este ser abarcada. Desse modo, aproximam-se em maior ou menor grau do ensinamento espírita:

4 WEIL, Pierre. **A mudança do sentido e o sentido da mudança**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999. p. 33.

5 KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 93. ed. Araras: IDE, 1995. p. 312.

84 – Os Espíritos constituem um mundo à parte, fora daquele que vemos?

– Sim, o mundo dos Espíritos ou das inteligências incorpóreas.

85 – Qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corpóreo, é o principal na ordem das coisas?

– O mundo espírita que preexiste e sobrevive a tudo.[6]

Assim, emerge uma cosmovisão centrada no Espírito, princípio inteligente do universo, cuja manifestação evolucionária consiste em intelectualizar a matéria e divinizar o mundo corporal. A descrição espírita do Cosmos, portanto, bastante atual em suas linhas gerais, alinha-se como uma candidata natural à substituição da cosmovisão materialista.

A confirmação do pensamento espírita pela pesquisa científica

No interregno entre a publicação das obras por Kardec e a atualidade, observamos uma progressiva confirmação das principais informações da cosmovisão espírita. Como ainda prevalece a hegemonia da ciência sobre as demais esferas culturais e o saber mais aceito ainda precisa seguir seus pressupostos metodológicos, utilizaremos o conhecimento desta esfera cultural para exemplificar tanto quanto possível o percurso dos cientistas que se desenraizaram do materia-

6 Ibidem, p. 72.

lismo e deram contribuições significativas para a demonstração dos saberes espíritas, ainda que se utilizando de linguagens e modelos de investigação diferenciados.

A realidade de uma consciência não física ou cerebral pode ser demonstrada em experimentos controlados de telepatia, clarividência e precognição[7], fenômenos que escapam ao domínio do espaço-tempo newtoniano. Mais sugestivas ainda são as experiências de quase-morte (EQM) e as experiências fora do corpo (OBE)[8]. Em ambas as experiências, ressalta-se a percepção consciente independente dos sentidos, desativados neste período, seja pela parada cardiorrespiratória, seja pelo sono. A detecção destes fenômenos constitui as anomalias kuhnianas que demonstram a incapacidade do paradigma materialista de incluí-las no seu arcabouço conceitual, mostrando suas limitações e fragilidades. Mais probatória ainda foi a realização de gravações de vozes de pessoas já falecidas com conteúdos atuais e informações desconhecidas dos presentes, configurando um novo veio de investigação chamado Transcomunicação Instrumental[9]. Também contribuem para ampliar as anomalias os fenômenos mediúnicos bem estudados e documentados cientificamente, a exemplo de psicografias com identificação grafoscópica da letra ou confirmação de informações inusitadas ou ainda por análise comparativa de estilo do autor encarnado/desencarnado[10]; de ectoplasmias[11] com registros convincentes e de psicopictografias seguidas de estudos comparados por especialistas[12]. Estes fenômenos evidenciam a existência de um mundo incorpóreo, ainda que descrito com algumas características materiais, inter-relacionando-se com o nosso mundo físico.

A vida do Espírito como um contínuo existir que ora está encarnado, ora desencarnado, configurando a dinâmica da palingênese ou reencarnação, também vem se revelando um campo vasto para pesquisa. As experiências de Albert de Rochas no início do século XX ganharam impulso após cinquenta anos a partir de duas bem conhecidas linhas de investigação: a documentação de lembranças de vidas passadas, principalmente na infância, com a devida confirmação, caracterizando a intitulada memória extracerebral, cujo expoente foi Ian Stevenson, docente da Universidade de Virgínia, que catalogou mais de 2000 casos[13], tendo no Brasil sua referência em Hernani Guimarães Andrade[14]; as experiências de regressão de memória para fins de estudo antropológico ou terapêutico, utilizando-se de várias técnicas de acesso às informações pregressas, conforme o pesquisador, tendo como pioneiros mais conhecidos no Brasil Morris Netherton[15], Edith Fiore[16], Helen Wambach[17], Hans TenDan[18], Roger Woolger[19] e Maria Julia Prieto Peres[20].

A evolução do Espírito através das formas materiais foi sinteticamente relatada em *O Livro dos Espíritos* com a conhecida frase: "É assim que tudo serve, tudo se coordena na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo que, ele mesmo, começou por ser átomo".[21] Neste entendimento, a manifestação do Espírito ocorre desde o reino mineral pela intelectualização progressiva da ma-

7 LESSA, Adelaide Petters. **Precognição**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.
8 TART, Charles. **O fim do materialismo**. São Paulo: Cultrix, 2012.
9 LOCHER, Theo; HARSCH, Maggy. **Transcomunicação**: a comunicação com o além por meios técnicos. São Paulo: Pensamento, 1992.
10 TIMPONI, Miguel. **A psicografia ante os tribunais**. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999.
11 FARIA, Nogueira de. **O trabalho dos mortos**. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1984.
12 GAETANI, Vera Regina Marcallo. **Gasparetto, nem santo nem gênio, médium**. São Paulo: Aquarela, 1986.
13 STEVENSON, Ian. **Vinte casos sugestivos de reencarnação**. São Paulo: Edicel, 1970.
14 ANDRADE, Hernani Guimarães. **Reencarnação no Brasil**. Matão: O Clarim, 1988.
15 NETHERTON, Morris. **Vidas passadas**: uma abordagem psicoterápica. São Paulo: Summus Editorial, 1997.
16 FIORI, Edith. **Já vivemos antes**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1978.
17 WAMBACH, Helen. **Recordando vidas passadas**. São Paulo: Pensamento, 1978.
18 TENDAM, Hans. **Cura profunda**. Trad. de Patricia Fischer. São Paulo: Summus, 1989.
19 WOOLGER, Roger. **As várias vidas da alma**. São Paulo: Cultrix, 1987.
20 PERES, Maria Júlia Pereira de Moraes. **Vivências passadas em reconstruções terapêuticas**. São Paulo: Viena Gráfica e Editora, 2013.
21 KARDEC, 1995a, p. 231.

téria, o que faz aparecer formas mais complexas que permitem uma mais completa manifestação do potencial do Espírito como ser pleno de origem divina. Este tema, posteriormente desenvolvido em *Evolução em Dois Mundos*, obra psicografada pelo Espírito André Luiz[22], recebe hoje confirmações ao se constatar que o evolucionismo de Charles Darwin e seus sucessores na atualidade são insuficientes para explicar a macroevolução e a gênese de mudanças abruptas nas formas animais, a exemplo da transição de répteis para aves. Um modelo quântico proposto por Amit Goswami[23] pressupõe ações não locais extrafísicas e saltos quânticos evolutivos. Outra hipótese criativa, de Rupert Sheldrake[24], é a existência de campos de ressonância mórfica que lembram propriedades de corpos espirituais e ideoplastias do mundo pós-morte, aproximando-se da proposta espírita.

Assim, podemos constatar que o saber espírita se antecipou aos esforços científicos que buscam superar o materialismo em conceitos tão estruturantes como a natureza do ser, sua vida espiritual, seu retorno à vida material e sua evolução.

A fecundidade para apontar rumos civilizatórios

A atualidade do pensamento espírita também pode ser constatada através da verificação de que ele se antecipou no plano social a muitas conquistas e anseios da vida contemporânea. Pode-se compulsar, acerca da resposta à questão 793, na 3ª parte de *O Livro dos Espíritos*, um comentário de Kardec que exemplifica sinteticamente a seguinte assertiva:

22 XAVIER, Francisco Cândido; VIERA, Waldo. **Evolução em dois mundos**. Pelo Espírito André Luiz. 11. ed. Brasília: FEB, 1997.
23 GOSWAMI, Amit. **Evolução criativa das espécies**. São Paulo: Aleph, 2009.
24 SHELDRAKE, Rupert. **O renascimento da natureza**. São Paulo: Cultrix, 1993.

> De dois povos chegados ao cume da escala social, só poderá dizer-se o mais civilizado, na verdadeira acepção do termo, aquele em que se encontre menos egoísmo, menos cupidez e menos orgulho; onde os hábitos sejam mais intelectuais e morais que materiais; onde a inteligência possa se desenvolver com mais liberdade; onde haja mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; onde os preconceitos de casta e de nascimento estejam menos enraizados [...]; onde as leis não consagrem nenhum privilégio [...]; onde a vida do homem, suas crenças e suas opiniões sejam melhor respeitadas, onde haja menos infelizes e, enfim, onde todos os homens de boa vontade estejam sempre seguros de não lhes faltar o necessário.[25]

Destas reflexões e da observação do cotidiano do mundo, podemos inferir que ainda estamos distantes, em termos de civilização, da vivência de um paradigma centrado no Espírito. O estágio da consciência humana ainda é predominantemente sensorial com representações racionais, apreendendo apenas a impermanência da matéria física. Para superar este momento evolutivo da consciência atual, far-se-á necessário desenvolver práticas que façam emergir novos horizontes da vida a partir da consciência da imortalidade do ser. Esta é a proposta bastante atual do Espiritismo, que nos acena com a possibilidade de alcançarmos a condição de Espíritos puros, mensageiros de Deus, mantenedores da harmonia universal.

De outra parte, ao observarmos o nosso movimento espírita, comparando-o com as possibilidades de atuação decorrentes da cosmovisão espírita, verificamos que ainda temos muito trabalho criativo a realizar

25 Ibidem, p. 310.

para darmos continuidade à obra ciclópica de Allan Kardec, seja reativando sua metodologia de produção do conhecimento, seja promovendo a religação dos saberes, seja criando práticas que nos facilitem chegar à consciência imortal, palingenésica e evolutiva. E que estas práticas facilitem a vivência plena do amor conforme Jesus, nosso modelo e guia, exemplificou, ou ainda promovam oportunidades de experienciarmos o numinoso, o sagrado, gravitando em torno de Deus em todos os momentos do existir.

Referências

ANDRADE, Hernani Guimarães. **Reencarnação no Brasil**. Matão: O Clarim, 1988.

FARIA, Nogueira de. **O trabalho dos mortos**. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1984.

FIORI, Edith. **Já vivemos antes**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1978.

GAETANI, Vera Regina Marcallo. **Gasparetto, nem santo nem gênio, médium**. São Paulo: Aquarela, 1986.

GOSWAMI, Amit. **Evolução criativa das espécies**. São Paulo: Aleph, 2009.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 93. ed. Araras: IDE, 1995a.

_____. **O que é o Espiritismo**. 34. ed. Araras: IDE, 1995.

LESSA, Adelaide Petters. **Precognição**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.

LOCHER, Theo; HARSCH, Maggy. **Transcomunicação**: a comunicação com o além por meios técnicos. São Paulo: Pensamento, 1992.

NETHERTON, Morris. **Vidas passadas**: uma abordagem psicoterápica. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

PERES, Maria Júlia Pereira de Moraes. **Vivências passadas em reconstruções terapêuticas**. São Paulo: Viena Gráfica e Editora, 2013.

SHELDRAKE, Rupert. **O renascimento da natureza**. São Paulo: Cultrix, 1993.

STEVENSON, Ian. **Vinte casos sugestivos de reencarnação**. São Paulo: Edicel, 1970.TART, Charles. **O fim do materialismo**. São Paulo: Cultrix, 2012.

TENDAM, Hans. **Cura profunda**. Trad. de Patricia Fischer. São Paulo: Summus, 1989.

TIMPONI, Miguel. **A psicografia ante os tribunais**. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999.

WAMBACH, Helen. **Recordando vidas passadas**. São Paulo: Pensamento, 1978.

WEIL, Pierre. **A mudança do sentido e o sentido da mudança**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

WOOLGER, Roger. **As várias vidas da alma**. São Paulo: Cultrix, 1987.

XAVIER, Francisco Cândido; VIERA, Waldo. **Evolução em dois mundos**. Pelo Espírito André Luiz. 11. ed. Brasília: FEB, 1997.

ZIMMERMAN, Zalmino. **Espiritismo**: século XXI. São Paulo: Allan Kardec, 2011.

ARTIGO

A Área do Estudo do Espiritismo

Carlos Campetti*

* Diretor da Federação Espírita Brasileira. Contato: crcampetti@yahoo.com

A Área de Estudo do Espiritismo (AEE) do Conselho Federativo Nacional (CFN) da Federação Espírita Brasileira (FEB) tem por finalidade "estimular, orientar, promover e desenvolver o estudo sério, consistente e permanente, fundamentado nas obras da Codificação da Doutrina Espírita, para os trabalhadores e frequentadores das instituições espíritas, por intermédio de trabalho conjunto da FEB e da coordenação nacional com as federativas e as coordenações regionais".(1)

A coordenação nacional é composta por um coordenador nacional e dois adjuntos. As coordenações regionais, em número de quatro, são compostas cada uma por um coordenador regional e um adjunto. Ambas as equipes em conjunto mantêm reuniões virtuais frequentes para definição de procedimentos que favoreçam o cumprimento dos objetivos da Área.

Os coordenadores regionais, entre suas atribuições, têm a responsabilidade de manter a integração entre os coordenadores da Área de Estudo do Espiritismo ou equivalentes das federativas de sua região, informando à coordenação nacional sobre o andamento das atividades.

As diretrizes da AEE são as mesmas estabelecidas no documento "Plano de Trabalho para o Movimento Espírita Brasileiro 2018-2022" (PT-MEB), visando à valorização dos estudos propostos pelas instituições espíritas com a finalidade da união dos espíritas e unificação do movimento espírita em torno do Espiritismo, iluminado pelos ensinos de Jesus.

Todas as suas ações nascem dessas diretrizes gerais e são definidas, planejadas e executadas de forma coletiva, por decisão do conjunto dos coordenadores mencionados, que incentivam a equipe de colaboradores voluntários para o cumprimento desses ideais que têm por consequência a formação de espíritas mais esclarecidos e voltados para a prática do bem e da caridade nas relações com o próximo e em seu favor, com repercussões positivas nas comunidades onde vivem e atuam.

O público referencial da AEE são todas as pessoas interessadas em estudar o Espiritismo, sem ânimo de imposição, pois considera, com Allan Kardec(2), sagrada a liberdade de pensar e de agir como atributo essencial do ser humano. Colabora para que o interessado, em um primeiro momento, seja bem acolhido e tenha uma visão geral e panorâmica da Doutrina Espírita, para levá-lo depois e progressivamente, partindo das ideias mais básicas, simples e conhecidas, ao aprofundamento do estudo para o entendimento das ideias mais complexas e desconhecidas.

Surgimento

O documento "Orientação para a Área de Estudo do Espiritismo" (OAEE), em seu Apêndice A, traz um breve histórico do surgimento da AEE, tendo o estado do Rio Grande do Sul, por sua Federação Espírita (FERGS), desempenhado papel relevante, pois nele foram elaborados os primeiros estudos sistemáticos destinados a crianças e jovens e, mais tarde, também o "Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita" (ESDE), destinado aos adultos. Outras experiências foram agregadas pela contribuição de outras federativas estaduais, o que permitiu o enriquecimento constante das ideias que levaram ao oferecimento de materiais orientadores do estudo às instituições espíritas de todo o país.

Foram anos de esforços constantes, sendo dever de consciência recordar-nos sempre do trabalho abnegado de Cecília Rocha e do Presidente Francisco Thiesen, ambos gaúchos, para que os ideais da evangelização espírita oferecida para crianças e jovens e do estudo para os adultos se espalhassem pelo Brasil e alcançassem espontânea e progressivamente outros países. Sem esquecer-nos das equipes multirregionais que surgiram, com trabalhadores voluntários das diversas federativas e, inclusive, do exterior para as traduções dos programas, que permitiram fosse essa tarefa uma obra coletiva desde o seu surgimento.

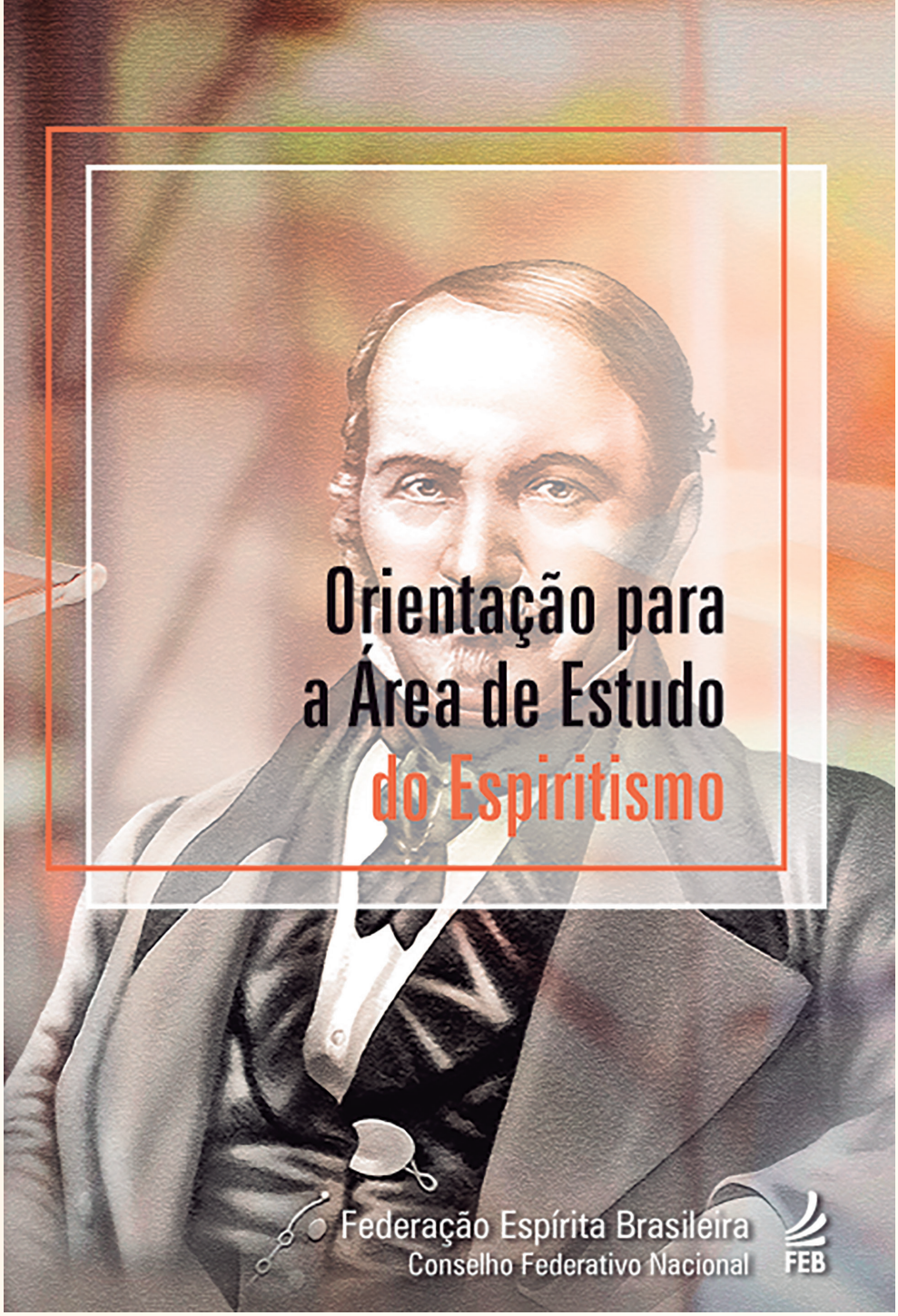
Foi somente depois de 35 anos de experiência com o ESDE e 40 anos com a atividade de evangelização infantojuvenil que o Movimento Espírita se revelou maduro para a criação da Área de Estudo do Espiritismo, aprovada pelo CFN em sua reunião anual de novembro de 2013, sendo divulgada oficialmente ao Movimento Espírita em 11 de fevereiro de 2014.

Implantação e Organização

A implantação da AEE nas instituições espíritas vem ocorrendo de forma gradativa, como é natural. Nem todas as federativas estaduais a implantaram ainda, mesmo porque essa implantação, como todas as propostas do CFN, não é obrigatória. Por isso, as coordenações nacional e regionais vêm se empenhando na divulgação da importância dessa organização para as instituições e para o movimento espírita, de forma a esclarecer sobre a importância da organização dos estudos, não importando o tamanho da instituição.

Para os pequenos centros, poderia parecer desnecessária a criação de uma Área de Estudo ou até uma ideia um tanto ambiciosa ou fora de propósito. No entanto, quando a instituição implanta o estudo de algum dos livros da Obra Básica e ESDE, por exemplo, já conta com atividades que justificam a criação de uma AEE, modesta, logicamente, de acordo com suas necessidades e sem ânimo de disputar com outras instituições maiores que contarão com mais atividades de estudo.

Aqui vale recordar a recomendação de Allan Kardec, em *O Livro dos* Médiuns, item 335, sobre a importância da criação de muitos grupos pequenos, evitando-se o demasiado crescimento, pois grandes grupos estão mais sujeitos às dificuldades de integração, harmonização e confraternização entre seus membros, o que facilita o surgimento de divisões e separações entre os participantes.



No entanto, a AEE é adaptável para funcionar tanto em pequenos grupos como em grupos maiores, variando naturalmente de complexidade sua estrutura. Por isso, o documento OAEE oferece vários exemplos de organização da Área a depender do tamanho da instituição.

Podem constar da AEE um grupo de acolhimento de novos frequentadores do centro espírita, que pode ter o nome de Introdução ao Estudo do Espiritismo (IEE) ou outro qualquer; um ou mais grupos do ESDE; outro(s) do "Estudo da Obra Básica" (EOB); vale também criar grupos para o "Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita" (EADE) para os frequentadores e trabalhadores que desejem ampliar conhecimentos sobre os diversos aspectos do Espiritismo. Além desses, outros estudos podem ser criados para atender aos interesses dos participantes dos centros, como, por exemplo, o estudo da série "A Vida no Mundo Espiritual", da FEB, da série psicológica de Joanna de Ângelis, da LEAL, ou das obras de Léon Denis, entre muitas outras.

Cada um desses estudos precisará contar com facilitadores que auxiliem os participantes nas atividades previstas para alcançar os propósitos de conhecer a proposta espírita e os caminhos para a transformação moral recomendada pela Espiritualidade Superior na Codificação Espírita.

O documento OAEE oferece informações sobre o papel e as atribuições desses facilitadores, de toda a equipe que se vai formando com o tempo, e também de como organizar os estudos que o centro espírita deseja oferecer.

Todo um capítulo é dedicado ao trabalhador voluntário, incluindo como formar facilitadores e multiplicadores, com a indicação do perfil ideal e das atribuições dos colaboradores. Cabe à coordenação nacional, em conjunto com as coordenações regionais e coordenadores da Área ou equivalente nas federativas, oferecer cursos de formação de facilitadores e multiplicadores, estes entendidos como os formadores de novos facilitadores.

A metodologia do estudo tampouco é esquecida no documento orientador, deixando evidente que a AEE não pode prender-se a teorias ou pensamentos individuais transitórios, pois a pedagogia básica do Espiritismo, assim como a do Cristo, é a do amor em ação, recomendando-se sempre o diálogo entre todos em sua constante aprendizagem.

Os Documentos da Área de Estudo do Espiritismo

Como as demais Áreas do CFN, a AEE oferece ao movimento espírita materiais de apoio ao trabalho das federativas e centros espíritas. Esses materiais são elaborados em conjunto com as federativas estaduais e apresentados ao CFN antes de sua publicação. Três deles foram recentemente lançados: o já referido "Orientação à Área de Estudo do Espiritismo" – OEE, o "Introdução ao Estudo do Espiritismo" – IEE e o "Estudo da Obra Básica" – EOB, estes dois últimos incluídos em um único volume, pois o IEE é de tamanho pequeno. Outros dois documentos são também oferecidos já há algum tempo e, por isso, são mais conhecidos do Movimento Espírita: o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita – ESDE, em três tomos, que passaram por uma revisão e serão apresentados ao Conselho Federativo Nacional, com previsão de publicação para 2020, e o "Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita" – EADE, este em cinco volumes.

Todos esses materiais não são de aplicação obrigatória, pois cabe ao centro espírita definir que recursos deseja utilizar em suas atividades, inclusive devendo fazer adaptações no material, necessárias à sua adequação ao público que o frequenta. A FEB, por definição do CFN, publica, em formato de livro, os materiais elaborados pelas Áreas, colocando-os à disposição de todos os interessados sem quaisquer imposições quanto à sua utilização.

O "Orientação à AEE" auxilia os interessados na compreensão do que é essa Área, quais seus propósitos, os meios de implantá-la, a que público se destina, o que é um facilitador de estudos, quais os requisitos para atuar nessa atividade, entre outras informações relevantes. Qualquer estudo realizado pela instituição espírita pode ser incluído dentro dessa Área. O OAEE oferece informações para a implantação do IEE, ESDE, EOB, EADE e outros estudos.

Além dos estudos mencionados, a FEB oferece também o "Estudo a Distância do Espiritismo" – EaD Espiritismo, estudo *on-line* elaborado com base no material do ESDE.

A "Introdução ao Estudo do Espiritismo" foi elaborada com o propósito de auxiliar no acolhimento de pessoas que chegam ao centro espírita sem informações sobre o que é o Espiritismo, seus ensinos, seus propósitos. Não conta com requisitos para substituir outros estudos da instituição, pois tem o objetivo precípuo de acolhimento e aclaração de dúvidas trazidas pelos iniciantes. Não tem o propósito de oferecer conhecimentos mais detalhados e aprofundados que o interessado encontra no ESDE, EOB e EADE.

Dessa forma, os programas são complementares uns aos outros.

O ESDE oferece uma visão panorâmica do Espiritismo, seus princípios básicos, as leis morais e noções sobre a mediunidade. Composto de três tomos, através de textos chamados de subsídios ao estudo, convida os participantes a conhecer a

ampla bibliografia que é utilizada para a elaboração desse material. São mais de 120 livros citados, cuja leitura deve ser recomendada pelos facilitadores nos grupos de estudo, com destaque para a Codificação, de leitura obrigatória para todo aquele que deseja efetivamente conhecer o Espiritismo.

O EOB tem o propósito de levar os participantes a estudar em conjunto diretamente nas obras da Codificação Espírita, tomando por base *O Livro dos Espíritos*. Não substitui o ESDE, pois utiliza outro tipo de metodologia para a apresentação, abordagem e estudo dos assuntos, permitindo que os participantes conheçam com mais detalhes as obras da Codificação Espírita.

O EADE recupera os assuntos que já fizeram parte do primeiro programa do ESDE lançado em 1983 e desenvolve o estudo de outros aspectos da Doutrina Espírita, permitindo ao interessado aprofundar o conhecimento dos temas propostos que abrangem "O Cristianismo e o Espiritismo"; "As Parábolas de Jesus" em duas partes; "O Consolador Prometido por Jesus" e "Filosofia e Ciência Espíritas".

Com esses materiais, o centro espírita conta com a possibilidade de oferecer aos seus frequentadores um leque de opções, que podem atender a cada um dentro de sua característica específica, cabendo, portanto, à equipe responsável entrevistar o interessado para definir em qual estudo ele poderá se inserir.

Servir é a meta

A AEE se apresenta como a servidora de todas as demais Áreas da instituição espírita, tendo por guia: "a fraternidade será a pedra angular da nova ordem social".(3)

A AEE tem a possibilidade de auxiliar para a formação do verdadeiro espírita, aquele que se faz trabalhador voluntário onde encontre oportunidade de ser útil, seguindo, entre muitos outros, os exemplos registrados por André Luiz na série "A Vida no Mundo Espiritual".

Acolhe, portanto, todos os interessados que chegam, às vezes sem noção de suas responsabilidades perante a Vida, e auxilia o seu despertamento para a realidade dos seus potenciais de ser útil e construir a felicidade própria ao produzir o bem do próximo.

Recebe também os trabalhadores antigos e lhes oferece a oportunidade de reflexões profundas em torno dos ensinos do Cristo, revivescidos pelo Consolador Prometido, favorecendo sua transformação moral e sua mais plena integração no ideal da caridade.

Dessa forma, a AEE acolhe, consola, esclarece e orienta o Espírito, que na presente encarnação está na fase adulta, nos seus diferentes momentos evolutivos, auxiliando na sua transformação moral, ao tempo em que fortalece sua vontade para dominar as más inclinações, no sentido do seu autoconhecimento, que proporcionará a necessária reforma íntima e o desenvolvimento dos potenciais sublimes que Deus depositou em germe em sua interioridade e que aguardam o momento propício para sua plena manifestação.

Referências

(1) CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL. Área de Estudo do Espiritismo. **Orientação à área de estudo do espiritismo**. Brasília: FEB, 2019. cap. 1, item 1.6: "Finalidade".

(2) KARDEC, Allan. **O que é o espiritismo**. Brasília: FEB, 2013. cap. 1: "Pequena conferência espírita", "Terceiro diálogo", "O padre". KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Brasília: FEB, 2004. "Livre-arbítrio", q. 843-850.

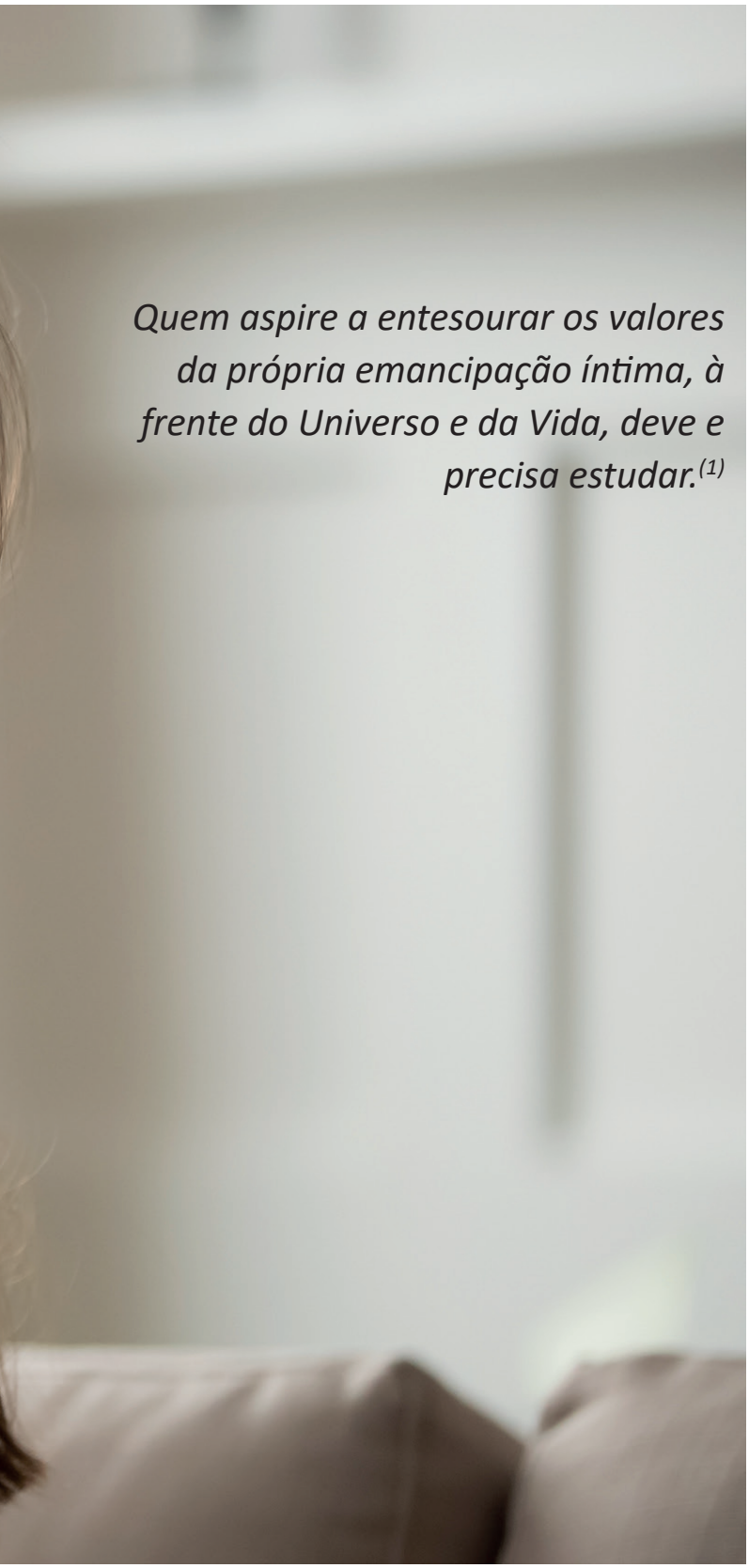
(3) Idem. **A gênese**. Trad. de Guillon Ribeiro. 53. ed. (edição histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 18: "São chegados os tempos", "Sinais dos tempos", item 17.

ARTIGO

Estude e Viva o Espiritismo

Equipe AEE - FERGS*

* Área do Estudo do Espiritismo - FERGS.



Quem aspire a entesourar os valores da própria emancipação íntima, à frente do Universo e da Vida, deve e precisa estudar.[1]

Importância do Estudo do Espiritismo

A necessidade do estudo do Espiritismo vem sido apontada desde a primeira obra espírita escrita por Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos*, lançado em 18 de abril de 1857, quando o autor afirmou que para se conhecer uma ciência como a ciência espírita, que trata de questões fundamentais da existência humana, e da imortalidade da alma, é necessário um estudo sério e permanente. Recomendando ainda que esses estudos devem ter continuidade, regularidade e o recolhimento indispensáveis.

Encontramos a reafirmação da necessidade do estudo do Espiritismo também em *Obras Póstumas* no Projeto de 1868 quando Kardec fala do curso regular de Espiritismo e que este curso influenciaria na propagação dos princípios espíritas e suas consequências.

Nesse sentido, podemos destacar a importância dos estudos espíritas que as instituições espíritas vêm realizando, com regularidade e sistematização, especialmente após a campanha nacional de implantação do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita – ESDE, lançada na reunião do Conselho Federativo Nacional, órgão da Federação Espírita Brasileira em 23 de novembro de 1983. Espíritos como André Luiz, através da mediunidade de Chico Xavier, em 1965, já nos alertavam sobre a necessidade do estudo como consta na apresentação da obra *Estude e Viva*: "Como desinteressar-nos dos encontros espíritas, nos quais se ventilam questões fundamentais da vida eterna?"[2]

Nos esclarecendo o porquê de estudarmos: "Estudar para aprender. Aprender para trabalhar. Trabalhar para servir sempre mais"[3].

Cabe registrar que no Rio Grande do Sul, a campanha para a implantação do estudo do Es-

piritismo iniciou em 1978, quando da reunião do Conselho Deliberativo Estadual de 22 de julho de 1978 foi aprovada a Campanha de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita nas Sociedades Federadas, cumprindo assim a sugestão reiterada pelo Espírito Angel Aguarod: "Reiterando despretensiosa sugestão, recomendaríamos uma 'grande campanha', para usar nomenclatura moderna, em torno da importância do estudo das obras básicas da Doutrina Espírita"[4].

Assim como Jesus, em sua caminhada evangélica e evangelizadora, a casa espírita, através dos grupos de estudo do Espiritismo, tem como tarefa principal acolher amorosamente os participantes e buscar através desses momentos estimular um novo sentido à existência corpórea e incorpórea. Portanto, a proposta do Estudo do Espiritismo nas nossas instituições visa a libertar consciências e à transformação moral, caminho seguro para a vivência mais fraterna da Humanidade, como afirma Emmanuel: "O Espiritismo é, acima de tudo, o processo libertador das consciências, a fim de que a visão do homem alcance horizontes mais altos"[5]. É chegado o tempo de fazer despertar o que há de bom e Divino em todos nós.

Essa oportunidade ímpar de compreender as diferentes buscas, ressignificar pensamentos, sentimentos e atitudes, através das vivências grupais e elucidação das dúvidas diante desse novo saber, é de grande relevância no processo evolutivo do Espírito. Emmanuel esclarece que: "Conhecer, portanto, a verdade é perceber o sentido da vida. E perceber o sentido da vida é crescer em serviço e burilamento constantes"[6].

Na obra *Viagem Espírita de 1862*, Kardec destaca a formação de grupos voltados exclusivamente para leitura e estudo do Espiritismo, sendo que o objetivo dessas reuniões era de reunir pessoas para estudo das obras espíritas, visando a suprir as dificuldades de leitura ou do estudo isolado de seus participantes. Percebemos que a motivação da formação dos denominados "grupos de ensino" era de estudo do Espiritismo, mas, igualmente, de viver a moral Cristã, pois a realização da leitura, visando a suprir as dificuldades de alguns, representa o exercício da caridade, ensinada por Jesus.

Outra questão a ser destacada é o fato de que para o exercício dessa atividade não havia necessidade da qualificação de ser orador ou professor, pois se tratava de uma leitura, que, conforme Kardec afirma, "é uma leitura em família, seguida de algumas explicações sem pretensão à eloquência, e que está ao alcance de toda gente"[7], ou seja, tomada por sentimentos de amor e fraternidade que devem permear uma escola de almas, ou seja, os grupos de estudo do Espiritismo.

A decisão de estudar as verdades espirituais reveladas pela Doutrina Espírita é um passo de alta relevância para o Espírito reencarnado, que experiencia situações desafiadoras na sua trajetória evolutiva. Perseverar nos estudos espíritas é um dos desafios atuais face às tentações que estamos sujeitos neste mundo de tantos apelos materialistas e sensualistas, em que as informações correm a uma velocidade incontrolável, que exigem uma atenção permanente. O tempo para reflexão fica relegado a um segundo plano, pois acompanhar o que acontece no mundo, nas redes sociais, torna-se urgente e dedicar um tempo para a espiritualidade exige um grande esforço e determinação que nem todos estão dispostos a empreender. Emmanuel e Vieira nos lembram que:

> Cada um de nós, estejamos encarnados ou desencarnados em serviço na crosta terrestre, vive jungido a um grupo de companheiros que constituem laços do pretérito ou instrumentos da hora, junto dos quais somos convidados a educar a vida e o coração para a Existência maior.[8]

Promover o processo iluminativo e de autoaperfeiçoamento é compromisso inevitável do

Espírito imortal, pois a lei de progresso não pode ser derrogada, Deus na sua perfeição absoluta não criaria uma lei que não pudesse ser cumprida.

Outra causa que se pode citar como obstáculo ao estudo está no "interesse imediatista, egoico, buscando no fenômeno mediúnico orientação e respostas para os problemas", quando apenas através do estudo sério da Doutrina o homem será capaz de solucionar toda a problemática humana.

Estudo e Vivência

Estudar a Doutrina Espírita e seu tríplice aspecto é uma tarefa urgente que possibilita a compreensão dos princípios doutrinários trazidos nas obras da Codificação. Desta forma, o pensamento será constante nos ensinamentos contidos no Evangelho do Cristo, uma vez que: "Somos trazidos à escola espírita, a fim de auxiliarmos e sermos auxiliados, na permuta de experiências e na aquisição de conhecimento"[9].

Não é somente através dos estudos pelos livros que progredimos. André Luiz nos diz mais: "Todos, influenciamos positivamente com o magnetismo da atitude. Daí o impositivo de sermos por fora o que somos por dentro"[10].

Fala-nos o Benfeitor Amigo sobre a necessidade de estudarmos em grupo, dizendo-nos: "Capacitemo-nos de que o estudo reclama esforço de equipe. E a vida em equipe é disciplina produtiva, com esquecimento de nós mesmos, em favor de todos"[11].

Portanto, na convivência no grupo de estudo na casa espírita, teremos diversas oportunidades de aprendizagem que essa experiência possibilita, com seus momentos de troca de ideias, de conflitos, de consensos, trata-se de ocasião adequada para o processo educativo dos sentimentos e iluminação interior. O respeito deve ser a tônica desses espaços de diálogo, pois devido à ambiência espiritual da casa espírita, o Espírito poderá conseguir extravasar sentimentos e sensações reprimidos, atuais e até mesmo pretéritos, dessa forma promovendo seu autoaperfeiçoamento.

Nesse roteiro de ascensão espiritual, encontramos a realização plena no serviço do bem, porém, o despertar é de caráter individual, e nem todos estão dispostos a abrir mão de seus interesses particulares. Como refere Emmanuel: "Notamos aprendizes do Evangelho que se declaram incapazes para a execução dos menores serviços na lavoura do bem"[12].

E o autor espiritual apresenta inúmeras justificativas que esses irmãos proclamam, concluindo que eles: "Estudam, recebem nova luz, progridem mentalmente, mas não possuem espírito de iniciativa, coragem moral e ousadia na autossuperação"[13].

Somente o trabalho edificante é capaz de fornecer ao Espírito a alegria verdadeira, portanto cabe nos esforçarmos nos estudos espíritas, a fim de nos qualificarmos para as tarefas que não devem ser postergadas, sejamos árvores frutíferas, pois que:

> A Natureza costuma apresentar lindas árvores que se cobrem de flores e jamais frutificam; o céu, por vezes, mostra nuvens que prometem chuva e se desfazem sem qualquer benefício à terra sedenta.[14]

Concita-nos André Luiz ao estudo e vivência do Espiritismo compreendendo que estamos imersos em um mundo de provas e expiações, e que a cada momento somos submetidos a dar testemunhos, a fim de que o Evangelho de Jesus chegue aos corações na sua maior pureza, portanto: "Espíritas, reflitamos! Estudemos, sentindo, compreendendo, construindo e ajudando sempre"[15].

"Auxilia quanto, como, onde e sempre que possas para o erguimento do bem comum"[16], a

recomendação dos Espíritos Emmanuel e Vieira alerta para que não percamos tempo com ilusões passageiras, retardando o bem, pois os convites à caridade surgem todos os dias nas situações simples e muitas vezes inusitadas, que possamos ter olhos de ver e ouvidos de ouvir esses chamados.

Finalizamos nossas reflexões com a citação evangélica do cap. X, “Bem-aventurados aqueles que são misericordiosos”, que nos esclarece sobre a importância do conhecimento das verdades espirituais e suas consequências para o indivíduo, o próximo e a caridade ensinada por Jesus:

> Espiritismo! Doutrina consoladora e bendita! felizes dos que te conhecem e que tiram proveito dos salutares ensinamentos dos Espíritos do Senhor! Para esses, iluminado está o caminho, ao longo do qual podem ler estas palavras que lhes indicam o meio de chegarem ao termo da jornada: caridade prática, caridade do coração, caridade para com o próximo, como para si mesmo; numa palavra: caridade para com todos e amor a Deus acima de todas as coisas, porque o amor a Deus resume todos os deveres e porque impossível é amar realmente a Deus, sem praticar a caridade, da qual fez Ele uma lei para todas as criaturas.(17)

Referências

(1) XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. Na escola da alma. In: _____. **Estude e viva**. 14. ed. Brasília: FEB, 2015. p. 11.

(2) Ibidem, p. 13.

(3) Ibidem, p. 15.

(4) OLIVEIRA, Gládis Pedersen de. **A missão e os missionários**. Porto Alegre: Francisco Spinelli, 2009. p. 176.

(5) XAVIER, Francisco Cândido. Missão do Espiritismo. In: _____. **Roteiro**. 13. ed. Brasília: FEB, 2011. p. 161.

(6) Idem. Ante a luz da Verdade. In: _____. **Fonte viva**. Brasília: FEB, 2013. p. 364.

(7) KARDEC, Allan. Sobre a formação de grupos e sociedades espíritas. In: _____. **Viagem espírita em 1862 e outras viagens de Kardec**. 2. ed. Brasília: FEB, 2010. p. 135.

(8) XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. Diante da consciência: nosso material de lição. In: _____. **Estude e viva**. 14. ed. Brasília: FEB, 2015. p. 35.

(9) Idem. Na escola da alma. In: _____. **Estude e viva**. 14. ed. Brasília: FEB, 2015. p. 15.

(10) Ibidem, p. 171.

(11) Ibidem, p. 14.

(12) XAVIER, Francisco Cândido; SILVA, Saulo Cesar Ribeiro da (Coord.). Pela graça de Deus – I Co 15:10 – In: _____. **O Evangelho por Emmanuel**: comentários às cartas de Paulo. Brasília: FEB, 2018. p. 252.

(13) Ibidem, p. 252.

(14) Ibidem, p. 696.

(15) XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. Espíritas, meditemos. In: _____. **Estude e viva**. 14. ed. Brasília: FEB, 2015. p. 170.

(16) Idem. Não retardes o bem. In: _____. **Estude e viva**. 14. ed. Brasília: FEB, 2015. p. 78.

(17) KARDEC, Allan. Cap. X – Bem-aventurados aqueles que são misericordiosos – item 18 – mensagem de Dufêtre, bispo de Nevers (Bordeaux.). In: _____. **O Evangelho segundo o espiritismo**. 131. Ed. Brasília: FEB, 2013. p. 151.

ARTIGO

O Centro Espírita como Escola da alma, Ensinando a Viver

Antônio Nascimento*

* Vice-presidente Doutrinário da FERGS.

A vida na Terra, mundo ainda em transição de expiações e provas para regeneração, apresenta-nos, para todos que aqui reencarnamos, muitas aflições e desafios a serem superados.

Cada alma tem a sua jornada ascensional para seguir e os aprendizados serão de acordo com o nosso grau de evolução e conforme o que é necessário para a nossa elevação espiritual.

Para o Espiritismo, as nossas expiações são oportunidade de resgatarmos as ações equivocadas que realizamos nesta vida ou em passadas. Já as provas são momentos para fixarmos os novos conhecimentos adquiridos e para o cumprimento da Lei de Deus, que, conforme resposta à questão 621 de *O Livro dos Espíritos*, está escrita "na consciência"[1].

Para este desiderato, o Espírito André Luiz, no livro *No Mundo Maior*[2], explica-nos que temos um cérebro que se divide em três regiões distintas. Tomemo-lo como se fosse um castelo de três andares:

- **Subconsciente**: 1º andar, onde situamos a residência de nossos impulsos automáticos, simbolizando o sumário vivo dos serviços realizados – **hábitos e automatismos**;
- **Consciente**: 2º andar, localizamos o "domínio das conquistas atuais", onde se erguem e se consolidam as qualidades nobres que estamos edificando – **esforço e vontade**;
- **Superconsciente**: 3º andar, temos a "casa das noções superiores", indicando as iminências que nos cumpre atingir – **ideal e meta superiores**.

Desta forma, o desenvolvimento da consciência é um processo que acontece não apenas pela oportunidade do uso do nosso livre-arbítrio e em que a misericórdia divina se mostra, mas, sobretudo, pela colheita obrigatória que teremos que efetivar para cada semente que lançamos; o que, gradativamente, irá nos encaminhando para a compreensão da Lei de Justiça, de Amor e de Caridade, cuja observância nos conduz a fazermos as escolhas mais adequadas para que construamos a felicidade que buscamos, bem como a que almejamos compartilhar com o nosso próximo.

Na obra *Estude e Viva*, ao iniciar o prefácio, o eminente Espírito Emmanuel teve a oportunidade de lembrar-nos a missão do Centro Espírita como escola de almas:

> Levantam-se educandários em toda a Terra. Estabelecimentos para a instrução primária, universidades para o ensino superior. Ao lado, porém, das instituições que visam à especialização profissional e científica, na atualidade, encontramos no templo espírita a escola da alma, ensinando a viver.[3]

Na questão 780-A de *O Livro dos Espíritos*, o Codificador foi muito direto ao questionar[4]:

> Como o progresso intelectual pode conduzir o progresso moral?
>
> "Ao fazer compreender o bem e o mal; o homem, então, pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio segue o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos seus atos."

É José Herculano Pires quem afirma que "o Centro Espírita é a sede da 'Maior Revolução da Humanidade'"[5]. Esta análise do ilustre professor e estudioso do Espiritismo reforça que a verdadeira revolução somente poderá ser obtida através da transformação espiritual do homem para melhor. É a chamada "revolução silenciosa" ou "revolução interna". Sistematicamente ensinan-

do o homem a viver melhor, o Centro Espírita interfere direta e indiretamente na sociedade, fomentando ideais superiores e noções espirituais da vida.

Esse processo educativo será fundamental, inclusive, segundo o que os Espíritos responderam à questão 796, sobre o "Progresso da Legislação Humana", para que também diminua a necessidade de uma legislação muito *rígida*:

> Uma sociedade depravada certamente precisa de leis severas. Infelizmente, essas leis mais se destinam a punir o mal depois de feito, do que a lhe secar a fonte. *Só* a educação poderá reformar os homens, que, então, não precisarão mais de leis *tão* rigorosas.(6)

Relembramos a lucidez do mestre lionês, Allan Kardec, no comentário à questão 917:

> Louváveis esforços indubitavelmente se empregam para fazer que a Humanidade progrida. Os bons sentimentos são animados, estimulados e honrados mais do que em qualquer outra época. Entretanto, o egoísmo, verme roedor, continua a ser a chaga social. É um mal real, que se alastra por todo o mundo e do qual cada homem é mais ou menos vítima. Cumpre, pois, combatê-lo, como se combate uma enfermidade epidêmica. Para isso, deve-se proceder como procedem os médicos: ir à origem do mal. Procurem-se em todas as partes do organismo social, da família aos povos, da choupana ao palácio, todas as causas, todas as influências que, ostensiva ou ocultamente, excitam, alimentam e desenvolvem o sentimento do egoísmo. Conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo. Só restará então destruí-las, senão totalmente, de uma só vez, ao menos parcialmente, e o veneno pouco a pouco será eliminado. Poderá ser longa a cura, porque numerosas são as causas, mas não é impossível. Contudo, ela só se obterá se o mal for atacado em sua raiz, isto é, pela educação, não por essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem. A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam plantas novas. Essa arte, porém, exige muito tato, muita experiência e profunda observação. É grave erro pensar-se que, para exercê-la com proveito, baste o conhecimento da Ciência. Quem acompanhar, assim o filho do rico como o do pobre, desde o instante do nascimento, e observar todas as influências perniciosas que sobre eles atuam, em consequência da fraqueza, da incúria e da ignorância dos que os dirigem, observando igualmente com quanta frequência falham os meios empregados para moralizá-los, não poderá espantar-se de encontrar pelo mundo tantas esquisitices. Faça-se com o moral o que se faz com a inteligência e ver-se-á que, se há naturezas refratárias, muito maior do que se julga é o número

das que apenas reclamam boa cultura, para produzir bons frutos.[7]

Assim, o estudo do Espiritismo torna-nos adeptos esclarecidos e enseja-nos a educação moral, que se apresenta como sendo a solução para todos os problemas socioeconômicos que vivencia a coletividade humana, e, portanto, deve ser tratada como prioridade máxima a ser perseguida para sua concretização.

Percebe-se, com muita facilidade, observando o panorama humano, a existência de um desequilíbrio muito grande entre educação formal e educação moral. Em todas as épocas da humanidade esse desequilíbrio provocou e ainda provoca prejuízos de toda sorte, porque não se leva em conta os valores morais adequados para o bem-estar de todos.

Em *A Gênese*[8], o Codificador tem a oportunidade de explicitar que a educação moral atua diretamente sobre nossas atitudes e convicções, visando a auxiliar ao educando no reconhecimento e afastamento das *más* paixões e vícios, na superação do orgulho e do egoísmo e na inclinação ao bem, buscando sempre ações de fraternidade e pacificação.

Francisco Cândido Xavier, confirmando Emmanuel, reforça:

> [...] um Templo Espírita é uma Universidade de formação espiritual para as criaturas humanas, e por isso o Espírito de Emmanuel, que nos orienta as atividades desde 1931, empresta a maior importância ao Templo Espírita [...]. Por exemplo, numa Faculdade de ensino superior que nos merece o máximo acatamento, nós aprendemos Ciências que vão aperfeiçoar os nossos recursos intelectuais. Mas, no Centro Espírita, orientado segundo os preceitos do Evangelho, nós vamos encontrar os estudos e raciocínios adequados à nossa necessidade de vivência em paz no mundo com a vivência igualmente do Amor uns para com os outros, segundo o ensinamento de Jesus, que nós não podemos esquecer: "Amai uns aos outros como eu vos amei..."[9]

O Centro Espírita é "Hospital, Escola e Oficina". Esta reflexão, elaborada por alguns ilustres confrades, entre eles Richard Simonetti, representa alguns papeis da Casa Espírita. De fato, um indivíduo pode chegar, em um primeiro momento, ao Centro Espírita necessitado de amparo espiritual ou até mesmo físico-espiritual. Concomitantemente à assistência espiritual que recebe, começa a se instruir nessa escola bendita sobre questões complexas envolvendo o sentido mais profundo da vida física. E, frequentemente e livremente, pode decidir participar ativamente desse trabalho a fim de aprofundar e ampliar suas próprias conquistas, disponibilizando-as também a outros irmãos igualmente necessitados que adentrarem as portas do Centro Espírita.

É também Emmanuel quem decreta:

> Efetivamente, não alcançaremos a libertação verdadeira sem abolir o cativeiro da ignorância no reino do Espírito. E forçoso será observar que o conhecimento é um tipo de aquisição que exige de nós caridade para conosco, porque se é possível sanar as deficiências do corpo pelas doações da beneficência, como sejam o alimento ao faminto e o remédio ao doente, a luz do Espírito não se transmite nem por imposição, nem por osmose. Quem aspira a entesourar

> os valores da própria emancipação intima, à frente do Universo e da Vida, deve e precisa estudar.[10]

Também o Espírito Joanna de Ângelis reforça a importância do estudo do Espiritismo na obra *Estudos Espíritas*[11]:

> Estudar o Espiritismo na sua limpidez cristalina é dever que não nos é lícito postergar, seja qual for a justificativa.
>
> A educação encontra no Espiritismo respostas precisas para melhor compreensão do educando e maior eficiência do educador no labor produtivo de ensinar a viver, oferecendo os instrumentos do conhecimento e da serenidade, da cultura e da experiência aos reiniciantes do sublime caminho redentor, através dos quais os tornam homens voltados para Deus, o bem e o próximo.

Nós devemos fazer uma distinção entre educação e instrução. Instrução é aquisição de conhecimentos sobre determinadas áreas do saber. Educação é aquisição de valores que nos transformarão perante a vida, perante o semelhante, perante a Criação Universal.

Todos nós reencarnamos aqui na Terra com a finalidade principal de darmos mais alguns passos na nossa jornada evolutiva. Estamos aqui para crescer, evoluir espiritualmente, e só conseguiremos atingir esta meta através da reformulação do nosso modo de pensar, de sentir, de falar e de agir. E para isto precisamos adquirir virtudes e valores morais elevados através da educação no sentido amplo da palavra.

Somente haverá um processo educativo quando houver a mudança de comportamento para melhor. Senão, o que aconteceu foi simplesmente aquisição de conhecimentos a respeito de algum assunto, a instrução sobre determinada coisa, mas não aconteceu a educação. E o Espiritismo, quando bem estudado, bem compreendido e bem assimilado oferece as condições para o aprimoramento progressivo do comportamento, para a aquisição de hábitos saudáveis para o corpo e para a alma.

Assim, concluímos com Emmanuel que:

> Somos trazidos à escola espírita, a fim de auxiliarmos e sermos auxiliados, no permute de experiências e na aquisição de conhecimento. [...] Estudar para aprender. Aprender para trabalhar. Trabalhar para servir mais sempre. Estude e viva.[12]

Referências

(1) KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 2004. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/135.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2019.

(2) XAVIER, Francisco Cândido. **No mundo maior**. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. Brasília: FEB, 2018. cap. 3.

(3) Idem. **Estude e viva**. Pelo Espírito Emmanuel. 14. ed. Brasília: FEB, 2015.

(4) KARDEC, op. cit.

(5) PIRES, J. Herculano. **O centro espírita**. 2008. Disponível em: <http://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/l26.pdf>. Acesso em 23 ago. 2019.

(6) KARDEC, op. cit.

(7) Ibidem.

(8) KARDEC, Allan. **A gênese**. 2013. Cap. XVIII. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/A-genese_Guillon.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2019.

(9) XAVIER, Francisco Cândido. **Entrevistas**. Pelo Espírito Emmanuel. São Paulo: IDE, 1971.

(10) Idem, 2015.

(11) FRANCO, Divaldo Pereira. **Estudos espíritas**. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador: Leal, 2016.

(12) XAVIER, 2018.

ARTIGO

O Papel do Facilitador de Grupo de Estudo do Espiritismo

Cleto Brutes*

* Colaborador do Grupo Espírita Seara do Mestre de Santo Ângelo, RS. Autor da FERGS Editora.

Para um perfeito entendimento sobre o perfil do facilitador de um grupo de estudos, é necessário refletirmos sobre os elementos que fazem parte desse contexto nas instituições espíritas.

O estudo em grupo

"Define-se como sendo uma assembleia de fraternidade ativa, procurando na fé raciocinada a explicação lógica dos problemas da vida, do ser e do destino. Todos somos chamados a participar dela. Falar e ouvir. Ensinar e aprender". O texto de André Luiz[1] resume de maneira clara o que é o estudo na Casa Espírita. Uma reunião fraterna onde, no diálogo saudável, vamos conhecendo, de forma gradativa e aprofundada, os princípios espíritas que trazem a claridade e o entendimento das leis divinas e dos propósitos da vida.

Os únicos requisitos para os seus participantes são a vontade de aprender e a disposição de assumir o compromisso, consigo e com a espiritualidade, de participar regularmente dos encontros, destinar tempo para o estudo individual e buscar a sua melhoria, objetivo principal da Doutrina Espírita.

Objetivos do estudo em grupo

Oportunizar o contato com a Doutrina Espírita, utilizando-se de metodologia adequada que favoreça o entendimento para todos. Além do conhecimento, que é fundamental para a evolução

do ser, no estudo em grupo somos convidados a aprender a trabalhar em equipe, o que exige disciplina e o esquecimento de si mesmo em favor do conjunto. Saber ouvir, ponderar, valorizar o outro, auxiliar e ser auxiliado são alguns dos aprendizados que vamos desenvolvendo nesses encontros.

Percebe-se, desse modo, a oportunidade do desenvolvimento de duas aprendizagens fundamentais para a vida. 1) Na relação com o conhecimento, propiciando uma profunda reflexão sobre a vida e o viver. 2) Na relação com o outro, pela convivência social, oferecendo uma oportunidade para o Espírito imortal desenvolver-se moralmente.

O grupo de estudos não é um grupo de autoajuda, onde pessoas se reúnem para relatar os seus problemas. Para isso a Casa Espírita oferece o atendimento fraterno, através do diálogo, onde o participante poderá expor de forma reservada a situação aflitiva que esteja vivendo ou uma questão particular. Também não é um local para se contar histórias. Fundamental compreender que no grupo cada um irá contribuir com o seu entendimento, sua experiência, sobre o tema que está em análise, mas não com o seu exemplo particular.

O grupo de estudo não é uma sala de aula convencional, onde o professor é o centro. O grupo e a aprendizagem é o que realmente importa. Também não é a tribuna da Casa Espírita, onde acontecem as palestras públicas. Podemos definir como um laboratório de estudos ou uma oficina de trabalho onde todos participam aprendendo e ensinando ao mesmo tempo.

Somos conduzidos ao estudo espírita para que, na troca de experiências, na aquisição do conhecimento e na busca da fé raciocinada, possamos encontrar os recursos para a transformação íntima.

Metodologia para o estudo

Em *O Livro dos Médiuns*[2], Kardec apresenta um caminho seguro para que o estudo do Espiritismo alcance o objetivo de tornar os adeptos mais esclarecidos. Destacamos os pontos principais desse método proposto pelo Codificador para o estudo sério do Espiritismo.

Simples conversação. Através do diálogo, seguindo um planejamento que oportunize a participação de todos, num ambiente cativante e empolgante. Simples no sentido da aplicação, mas organizado de forma a despertar o interesse e o envolvimento de todos. Para isso, o documento "Orientação para a Área do Estudo do Espiritismo"[3] propõe a prática da mediação dialógica.

Convencimento pela razão. Ensina todo aquele que procura persuadir. Pela explicação racional ou pela experiência, pois é natural duvidar do que não parece lógico. Convencer ou persuadir pela razão e pelo raciocínio, objetivando levar a verdadeira convicção aos incrédulos, diretriz principal da proposta do Codificador, que ocorrerá somente quando o conteúdo estudado estiver incorporado na própria vida.

Sem imposição, cobrança, obrigação, provas ou diplomas, pois no estudo do Espiritismo não há formação ou terminalidade como nas demais ciências. O participante é estimulado a aprender pelo prazer da conquista do conhecimento. "[...] a exemplo de Jesus, ensinai pela persuasão e pela brandura, e não da força, o que seria pior do que a crença daquele a quem desejaríeis convencer. Se alguma coisa se pode impor, é o bem e a fraternidade [...] pois a convicção não se impõe."[4]

Ponto de partida. Partir do conhecimento para o desconhecido. O ponto de partida deve ser a existência da alma, primeiro compreender que temos uma alma, para depois construir o edifício da imortalidade com a continuidade da vida através das múltiplas encarnações. Começar sempre pela teoria para que o estudante possa

ter suficientes noções preparatórias para poder participar das demais atividades da Casa Espírita. Não basta ver o fenômeno espírita, é preciso entender como ocorre o processo e assim estar ciente do papel que lhe cabe na tarefa.

O papel do facilitador

Podemos identificar funções relacionadas com a organização, o planejamento e a coordenação dos encontros de estudos. O facilitador é aquele que previamente prepara o encontro baseado no plano de trabalho estabelecido pela Área do Estudo. No grupo, é responsável por acolher e integrar os participantes, conduzindo o diálogo de forma harmônica e de modo que todos possam participar.

Estimular pelo entusiasmo e, principalmente, pelo exemplo, os colegas a desenvolver o gosto pelo estudo sério e aprofundado do Espiritismo, mostrando os seus benefícios para uma vida melhor.

Além da gestão do estudo e do grupo, o facilitador deve ser o elo dos participantes com a instituição espírita, pois é dos grupos de estudos que sairão os futuros trabalhadores da Casa Espírita. Estar atento aos que já ofereçam condições de conhecimento e equilíbrio que cada tarefa exige, para informar os setores ou áreas, de acordo com o perfil do futuro colaborador.

O facilitador é também o responsável por divulgar as atividades da Casa Espírita para que o estudante saiba dos recursos de que ele pode e deve fazer uso. Motivar os estudantes a assistir às exposições doutrinárias, excelentes oportunidades de aprendizado e reflexão. Quando perceber a necessidade, deve orientar o participante a buscar o atendimento fraterno.

O perfil do facilitador

Após refletirmos sobre o que é um grupo de estudos, quais os objetivos desse encontro, a metodologia proposta por Kardec e o papel do facilitador dos grupos, passamos a analisar o perfil para esse colaborador, principalmente como um ideal a ser buscado, elencando aspectos fundamentais para que o estudo em grupo possa atingir os objetivos a que se destinam.

Gostar de estudar deve ser uma das suas principais características. Nunca se contentar com o que já sabe, estudando no grupo, destinando tempo diário para as leituras e estudos doutrinários. Quanto maior o conhecimento espírita, melhores condições terá na condução da tarefa.

Além de conhecer em profundidade a Doutrina Espírita, o facilitador deve ter adotado o Espiritismo como religião e filosofia de sua vida. Mesmo sabendo das suas imperfeições, esforçar-se para vivenciar aquilo que acredita.

Estar plenamente integrado na Casa Espírita que frequenta, de modo a conhecer todas as atividades desenvolvidas. Deve conhecer o Estatuto e o Regimento Interno da Casa. Ter uma visão sistêmica de toda a organização que colabora é importante para bem desempenhar as suas tarefas, dar as orientações e fazer os encaminhamentos necessários. A sintonia ou entrosagem com a equipe espiritual e os mentores da Casa somente se estabelecem através da frequência e das tarefas de que participa, por isso a importância de assistir às palestras e colaborar nas outras atividades.

Participar ativamente das atividades da Casa Espírita e do Movimento Espírita. Trabalhar pela Casa e pela causa espírita, renunciando aos objetivos meramente pessoais, priorizando e divulgando as ações da instituição.

Nas boas relações interpessoais está a base para o êxito de qualquer atividade, desde a mais simples até os grandes projetos. Para construir esse bom relacionamento, necessário para favorecer o processo de ensino-aprendizagem, o facilitador precisa da humildade para se fazer igual a todos. No grupo, todos são aprendizes. Ser empático, colocando-se no lugar do outro, especialmente daquele que tem dificuldade de entendimento ou até de se expressar. Confiar na capacidade de desenvolvimento dos participantes, valorizando e estimulando os esforços de todos.

Ter capacidade de observação para conhecer bem o grupo, suas características e potencialidades, percebendo além do que é expresso para assim conduzir o estudo de forma organizada e pacífica.

A habilidade no diálogo é outro componente essencial. Saber escutar e fazer as intervenções somente quando necessário. Cuidar para que o grupo não fuja do tema em estudo, por isso a importância do planejamento, que pode ser flexível, desde que não prejudique a aprendizagem.

Saber gerenciar os conflitos, pois normalmente os grupos são formados por pessoas de diferentes condições intelectuais e sociais, por isso deve respeitar as diferenças e as opiniões contrárias, mas sempre apresentando o que os Espíritos ensinam. Compreender que a divergência não deve significar oposição e que podemos pensar diferente sem nos estimarmos menos, transformando as diferenças em oportunidades de aprendizado. Estimular a união do grupo para que ocorra uma verdadeira comunhão de pensamentos e propósitos.

Habilidade para integrar novos componentes de modo a não afetar o andamento do grupo, mas propiciando as melhores condições para que se sintam acolhidos.

Compreender que não está ali para responder a perguntas, dando respostas prontas, mas para estimular o participante a pensar sobre o tema e assim construir a convicção pelo raciocínio. Para isso é necessária a capacidade de fazer questionamentos, chamando atenção para os vários aspectos de cada tema até que haja o perfeito entendimento.

Como líder de uma equipe, deve saber delegar tarefas de modo a propiciar um engajamento cada vez maior. Ler uma mensagem de harmonização, fazer a prece, ser o relator de uma tarefa são formas de ir gradativamente formando novos facilitadores.

Sabemos que no início da tarefa é natural que não estejam presentes todas essas habilidades. Todavia, o facilitador deve esforçar-se para desenvolver em si as qualidades de um homem de bem conforme proposto em *O Evangelho segundo o Espiritismo*[5].

Na recomendação que consta na *Revista Espírita*[6], encontramos a síntese do caminho que o facilitador deve trilhar para ter êxito nessa importante tarefa. "Assim, pois, meus amigos, aqueles dentre vós que desejarem, e todos devem desejar, partilhar de suas crenças com seus irmãos, que querem chamá-los ao banquete de consolação que o Espiritismo oferece a todos os seus filhos, devem moralmente pregar o Espiritismo praticando a moral, e intelectualmente espalhando em seu redor as luzes que colheram ou que colherão nas comunicações dos Espíritos. Tudo isto é fácil: basta querer. Então, meus caros amigos, em nome de vossa felicidade, de vossa tranquilidade, em nome da união e da caridade, aconselho-vos a querer. Um Espírito."

Em Jesus, o modelo mais perfeito, encontramos as habilidades e condutas mais adequadas. O Mestre nada impõe e a ninguém constrange a pensar diferente, pois respeita as escolhas. Apenas convida, vem! Diante do erro, não julga e não condena, do contrário, busca resgatar os valores do ser humano. Tratou a todos do mesmo modo. Formou e capacitou a sua equipe de trabalho, que se ampliou gradativamente. Não falava de si mesmo, das suas virtudes e dos seus poderes. Nunca se colocou como exemplo, também não assinou os seus feitos. Tinha uma fala assertiva, adequada e restrita às necessidades. Sabia escutar para perceber as reais necessidades dos que o procuravam. Impactava os seus ouvintes pela autoridade moral conquistada através da vivência do que pregava. Deixou muito claro que seu objetivo era a construção do Reino de Deus no coração dos homens. Também mostrou que o caminho para essa realização divina está no amar os outros como Ele nos ama e fazer ao próximo apenas o que gostaríamos que nos fosse feito.

Como eternos aprendizes, devemos buscar a melhoria contínua no ser e no fazer, pois somente assim continuaremos a ter a confiança e as oportunidades que o Cristo, a quem realmente servimos, nos oferece para a nossa redenção.

Referências

[1] XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. **Estude e viva**. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 7. ed. Brasília: FEB, 1993. Prefácio de André Luiz.

[2] KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. 65. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999. cap. III.

[3] FEB – Federação Espírita Brasileira. **Orientação para a Área do Estudo do Espiritismo**. Brasília: FEB, 2019. ap. D, p. 123-130.

[4] KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 2007. q. 841.

[5] KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. cap. XVII, it. 3.

[6] KARDEC, Allan. **Revista Espírita**. Novembro de 1868. Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Cidade: FEB, Ano.

ARTIGO

A Inclusão e Acessibilidades:

Uma oportunidade de aprendizagem nos grupos de estudo

Daniela Conforti*

* Diretora de Programas e Projetos da FERGS.

Porque assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação, assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros. De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia, seja ela segundo a medida da fé; se é ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja dedicação ao ensino; ou o que exorta, use esse dom em exortar; o que reparte, faça-o com liberalidade; o que preside, com cuidado; o que exercita misericórdia, com alegria. [1]

Somos 7,6 bilhões de Espíritos encarnados no planeta, criados por Deus em tempos diferentes, com graus de maturidade singulares, talentos ímpares, planejamentos reencarnatórios únicos e todos que aqui se encontram têm em comum um único objetivo: "gravitar para a unidade divina"[2].

Para alcançarmos este intento, a convivência nos grupos humanos em que estamos inseridos é fundamental para o desenvolvimento das nossas potencialidades intrínsecas, pois, conforme nos esclarece Allan Kardec, "nenhum homem dispõe de faculdades completas e é pela união social que eles se complementam uns aos outros"[3].

Por esta razão, ao pensarmos em um grupo de estudos do Espiritismo, entendemos o seu papel primordial no desenvolvimento das virtudes e potenciais da alma, indo muito além de um espaço de conhecimento doutrinário no centro espírita: funciona como um ambiente de escuta, acolhida, convivência, troca e elaboração interna dos saberes adquiridos, através das lentes das diversas experiências trazidas por cada participante.

Esta proposta de ensino colaborativa, que, por sua natureza, traz um exercício dialógico de laborar com a diversidade, soma, à atividade-fim, as bagagens espirituais trazidas no imo de cada ser, que "conversam" entre si e consigo mesmas, educando e educando-se, exercitando a empatia no olhar quando nos deparamos com a mesma questão sob diferentes perspectivas, de modo que se acomodam os novos valores adquiridos, conforme o entendimento, a experiência e o grau de maturidade de cada um.

Ao facilitador do grupo de estudos do Espiritismo, cabe o desafio de perceber, aceitar, acolher e direcionar a diversidade de experiências e vivências de cada persona que ali se encontra, desenvolvendo uma cultura inclusiva que valorize as particularidades e talentos que são próprios aos participantes da equipe, sem perder o foco no objetivo principal: o estudo da Doutrina dos Espíritos.

Importante destacar neste contexto a palavra "persona". Joanna de Ângelis esclarece-nos que a personalidade está "[...] em permanente representa*ção* dos conteúdos mentais e dominada pela imposição das leis e costumes de cada época e cultura".[4] Durante a trajetória evolutiva, a utilização de diferentes personas torna-se necessária para o desenvolvimento dos projetos reencarnatórios propostos, o que traz a cada Espírito potenciais a serem trabalhados, mesmo que apresentem alguma forma de limitação temporária, de ordem física e/ou moral.

Exatamente neste âmbito, de acomodarmos cada personalidade conforme sua forma de manifestação e sua necessidade particular de entendimento do conteúdo a ser trabalhado, torna-se fundamental a utilização de metodologias diversificadas que favoreçam o grupo de estudos onde estivermos inseridos. Isto requer do facilitador uma postura flexível e constante reavaliação de metodologias, como meios de desenvolver o protagonismo e a autonomia de cada persona no estudo da Doutrina dos Espíritos.

Muito além da legislação vigente – Lei Brasileira de Inclusão, Convenção da ONU sobre os

direitos da pessoa com deficiência – está o nosso compromisso íntimo, moral e intransferível com a construção do Reino de Deus na Terra, a transição para o mundo de regeneração que tanto queremos.

O exemplo e o convite imperativo do Cristo – "Ide e evangelizai a todas as gentes!"[5] – sustenta a proposta de educabilidade de todas as criaturas. Por sua vez, o Plano de Trabalho para o Movimento Espírita Brasileiro[6] reitera este convite na sua Diretriz 1:

> Difundir a Doutrina Espírita, por meio de estudo, divulgação *e prática*, colocando-a ao alcance e a serviço de todas as pessoas, indistintamente, independentemente de sua condição social, cultural, econômica ou faixa etária, tendo como referencial as obras da Codificação Espírita e as de autores a elas coadunados.

Em outras palavras, os desafios impostos pelas vicissitudes, provas e expiações não devem ser considerados impedimentos para a participação do Espírito encarnado nas mais diversas atividades da casa espírita, em especial nos grupos de estudos e na evangelização infantojuvenil.

Ao contrário, percebendo a diferença e alocando-a não nos sujeitos, mas nas estruturas físicas, comunicacionais e atitudinais, modificamos o paradigma de observação da diversidade com um senso de responsabilidade pessoal e social relativa aos desafios a serem ultrapassados em conjunto, através da adaptação, utilização e aprimoramento dos recursos disponíveis para dirimir as barreiras, proporcionando, assim, diferentes formas de acessibilidades, conforme as necessidades do participante e/ou do facilitador.

Alcançar acessibilidade significa conseguir a equiparação de oportunidades em todas as esferas da vida. Isso porque essas condições estão relacionadas ao AMBIENTE e não às características da pessoa.[8]

Desta forma, as acessibilidades – caminhos para a inclusão do indivíduo – são um convite a sairmos de nossa zona de conforto e ampliarmos o nosso escopo de ação, para possibilitar a interação e o convívio de forma eficaz com todos aqueles que passam pelo nosso caminho, estejam no centro espírita ou na sociedade.

A acessibilidade comunicacional, por exemplo, pode requerer adaptações linguísticas que certamente denotarão novos aprendizados a todos os envolvidos na equipe de trabalho, de modo a facilitar a comunicação entre as pessoas. Por exemplo, a participação de surdos ou estrangeiros em um grupo implica ferramentas específicas de comunicação para que a mensagem que se quer passar chegue ao receptor de forma eficaz, assim como a pessoa cega precisa da audiodescrição para contextualizar ambientes, materiais audiovisuais e filmes em diversos momentos.

A acessibilidade instrumental, por sua vez, está relacionada aos recursos e serviços que proporcionam ou ampliam as habilidades funcionais de pessoas com deficiência. Por exemplo, o uso das tecnologias assistivas; o uso de lupas para as pessoas com baixa visão conseguirem fazer a leitura de um texto, livros em Braille ou audiolivros, softwares, entre outros.

A acessibilidade arquitetônica, neste contexto, pode solicitar-nos algumas adaptações de estruturas materiais para que todos tenham acesso ao local onde as atividades estão sendo desenvolvidas.

Ao pensarmos na acessibilidade metodológica, lembremos de Bezerra de Menezes, em entrevista na obra *Sublime Sementeira*, recordando a todos nós que "a especialidade da tarefa *não* se compraz com improvisa*ções* descabidas"[6], incentivando-nos à busca constante de aprimoramento e planejamento das ações que serão executadas, não somente junto à Área do Estudo do Espiritismo, mas a todas as Áreas do centro espírita.

Neste sentido, lembremos da metodologia utilizada por Allan Kardec, partindo *do simples para o complexo, do particular para o geral*, tomando como ponto de partida para a construção do conhecimento a contextualização da realidade de cada participante. Mais recentemente e em consonância com o método utilizado pelo Codificador, existem as pesquisas relacionadas à andragogia, palavra de origem grega que significa "ensinar para adultos", que prima por diferentes técnicas de ensino, respeitando as características individuais de cada ser.

Mas, para que alcancemos as diversas formas de acessibilidades, existe, indiscutivelmente, uma ponte que acessa todas as demais, a acessibilidade atitudinal, que perpassa uma sensibilização e consciencialização das pessoas, uma mudança íntima de postura, para que nos desvencilhemos de todo e qualquer preconceito, estereótipo, estigma e discriminação, os quais, na maioria das vezes, carregamos inconscientemente por milênios. Esta forma de acessibilidade está diretamente relacionada com os princípios preconizados pela Doutrina Espírita e com a conduta e a proposta inclusiva do Cristo.

> Abolindo os prejuízos de seitas, castas e cores, ensina aos homens a grande solidariedade que os *há de unir c*omo irmãos.[9]

Respeitar as pessoas pelo seu real valor, ressignificar o olhar sobre quem somos na essência, apesar dos padrões preestabelecidos, eis o ensinamento valoroso que a Doutrina dos Espíritos nos faculta.

O Cristo, por sua vez, quando esteve encarnado na Terra, conviveu diretamente com os excluídos do seu tempo. O Evangelho narra que, muito além da cura de corpos, Jesus curava as almas dos que por ele passavam, enxergando e desenvolvendo os potenciais íntimos de cada um, apesar das mazelas atitudinais e das aparências estigmatizadas que carregavam. Preparou uma equipe de trabalho para dar continuidade à obra redentora da humanidade e, no texto de Humberto de Campos, Jesus convida a todos nós a fazermos parte do fermento divino e propiciarmos aos nossos irmãos de caminhada a Boa Nova na Terra.

> Séculos de luta vos esperam na estrada universal. É preciso imunizar o coração contra todos os enganos da vida transitória, para a soberana grandeza da vida imortal.(10)

O Evangelho segundo o Espiritismo nos esclarece sobre a necessidade de perscrutar os Infortúnios Ocultos. Precisamos ultrapassar a barreira das deficiências visíveis e desenvolvermos os olhos de ver os frequentes "desastres particulares, que passam despercebidos: os dos que jazem sobre um grabato sem se queixarem. Esses infortúnios discretos e ocultos são os que a verdadeira generosidade sabe descobrir, sem esperar que peçam assistência".(11)

Quantas vezes, no nosso grupo de estudos, não prestamos atenção no companheiro sentado ao nosso lado, as razões por trás das ausências frequentes, os sacrifícios e lutas do dia a dia, os desafios familiares, profissionais, financeiros, éticos e morais que não transparecem à primeira vista, mas que estão ali, presentes, necessitando muitas vezes de um suporte, um incentivo, uma palavra amiga, um consolo? Nesse rol, também entram as doenças mentais e deficiências intelectuais, muitas vezes invisíveis aos olhos físicos.

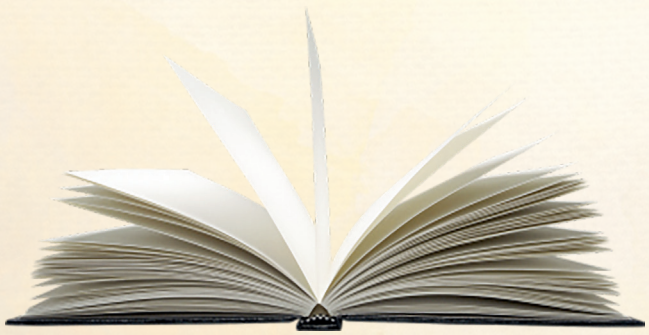
Kardec esclarece-nos que "[...] é preciso fazer o bem, no limite das próprias forças, pois cada um responderá por todo o mal que tiver ocorrido por causa do bem que deixou de fazer".(12)

A revisão de hábitos, o olhar, a escuta e a fala sensíveis propiciam mudança de posturas arraigadas em nós que não cabem mais neste momento da nossa atual existência, tornando a autoavaliação da prática – em consonância com a teoria apresentada –, pré-requisito básico ao trabalhador sincero e responsável do Cristo, que deseja fazer o seu melhor por todos e com todos, de acordo com a necessidade de cada um.

> Lembra-te deles, os quase loucos de sofrimento, e trabalha para que a Doutrina Espírita lhes estenda socorro oportuno. Para isso, estudemos Allan Kardec, ao clarão da mensagem de Jesus Cristo, e, seja no exemplo ou na atitude, na ação ou na palavra, recordemos que o Espiritismo nos solicita uma espécie permanente de caridade – a caridade da sua própria divulgação.(13)

O Espírito não retrograda, portanto, estamos na nossa melhor encarnação, nossa melhor versão, nosso melhor momento evolutivo, com as melhores condições de contribuir para o progresso e a difusão da mensagem do Cristo à luz da Doutrina Espírita para a Humanidade!

Sigamos, irmãos, céleres e felizes com a oportunidade de semeadura evangélica na seara do bem e do amor, procurando "mostrar a palavra persuasiva e sentida que o Cristo é, para a Terra, o único Pastor".(14)



Referências

(1) Epístola de Paulo aos Romanos, 12:4-8.

(2) KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Trad. de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2014. q. 1009.

(3) Ibidem, q. 768.

(4) FRANCO, Divaldo Pereira. **Elucidações psicológicas à luz do Espiritismo**. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador: Editora LEAL, Ano. p. 254.

(5) Marcos, 16:15.

(6) FEB – Federação Espírita Brasileira. **Plano de Trabalho para o Movimento Espírita Brasileiro 2018-2022**. Brasília: FEB, Ano.

(7) DUSI, Miriam Masotti. **Sublime sementeira**: evangelização espírita infanto-juvenil. Brasília: FEB, 2012. Entrevista com Bezerra de Menezes (Espírito) em 1982, p. 13.

(8) Cartilha FADERS. Atitudes que fazem a diferença com pessoas com deficiência. http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br/uploads/1427723364Cartilha_Faders_word_com_novo_layout.pdf

(9) KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Trad. de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2014. q. 799.

(10) XAVIER, Francisco Cândido. **Boa Nova**. Pelo Espírito Humberto de Campos. Rio de Janeiro: FEB, 2006. cap. 29: "Os quinhentos da Galileia".

(11) KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. Trad. de Guillon Ribeiro. 131. ed. Brasília: FEB, 2014. cap. XIII, it. 4.

(12) Idem. **O Livro dos Espíritos**. Trad. de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2014. q. 642.

(13) XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. **Estude e viva**. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 14 ed. Brasília: FEB, Ano. cap. 40.

(14) THIESEN, Francisco. **No oásis de Ismael**. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. p. 86.

ASSINE AS PUBLICAÇÕES DA FERGS

Revista A Reencarnação.... R$ 30,00 (2 edições)
Jornal diálogo Espírita..... R$ 18,00 (6 edições)

Assinando Revista + Jornal = R$ 40,00

Nome: _____

CPF: _____ Data de Nasc.: _____

Endereço: _____

_____ Bairro: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

País: _____ Telefones: _____

E-mail: _____

Data do Depósito: _____

Para efetuar a assinatura, envie e-mail para jornal.revista@fergs.org.br solicitando o Código de Depósito Identificado e os dados para depósito. Após efetuado o depósito, encaminhe seus dados para:

Federação Espírita do RS
Travessa Azevedo, 88
Floresta - CEP 90.220-200
Porto Alegre/RS - Brasil
ou para o e-mail:
jornal.revista@fergs.org.br.
Faça também sua assinatura pelo *site* da FERGS: www.fergs.org.br.

ARTIGO

As Interrelações Pessoais nos Grupos de Estudo

Elzita Melo Quinta* e Elzi Nascimento**

* Coordenadora adjunta da Área de Estudo do Espiritismo do CFN/FEB para o Estudo da Obra Básica. É atualmente vice-presidente e coordenadora estadual da Área de Estudo do Espiritismo da FEEGO.
** Colaboradora da Área de Estudo do Espiritismo da FEB. Coordenadora estadual adjunta da Área de Estudo do Espiritismo da FEEGO. Membro do Conselho de Administração da FEEGO.

> *Nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros.*[1]

O Novo Testamento da Bíblia registra, no capítulo 13 do Evangelho de João, que, ao apresentar suas despedidas aos discípulos, Jesus insere um novo mandamento. Não deixa dúvidas quanto à forma de vivenciar as inter-relações pessoais quando diz que necessário se faz "que vos ameis uns aos outros como eu vos amei"[2], recomendação essencial para que a harmonização das diferenças seja a tônica na equipe de trabalho, onde a busca pela fraternidade permanente se transforme no diapasão que regerá a reciprocidade entre todos.

Ao comentar a passagem evangélica que elegemos para iniciar estas reflexões, Emmanuel, no capítulo 15 de *Fonte Viva*, fundamenta:

> Não faremos titulares da Boa Nova simplesmente através das atitudes exteriores [...]. Precisamos sim da cultura que aprimora a inteligência [...] de assembleias que favoreçam o estudo: no entanto, toda a movimentação humana, sem a luz do amor, pode perder-se em sombras.[3]

O espírita na equipe de trabalho é chamado a colaborar na harmonia comum, silenciando melindres e apagando ressentimentos, estimulando o bem e esquecendo omissões no terreno da exigência individual[4], ponto primordial para que vicejem as melhores tendências como fato de aproximação e união de todos nos grupos de estudo ou de trabalho.

A proposta nos pede alguma dedicação no sentido de entender a arte do relacionamento interpessoal.

Relacionamento interpessoal é um conceito do âmbito da sociologia e da psicologia. Significa relação entre duas ou mais pessoas. É regido pelo contexto onde está inserido. No caso desta nossa reflexão, refere-se aos núcleos organizados para o estudo, dentro da casa espírita.

As relações interpessoais nos grupos de estudo constituem um tema que merece atenção especial. Duas razões se justapõem a esta necessidade: a primeira diz respeito às dificuldades muito comuns que a maioria de nós encontra para criar, desenvolver e manter relacionamentos saudáveis e significativos. A segunda se revela na tendência adotada por muitos de se privarem do relacionamento com pessoas fora do seu circuito íntimo. Bairrismo egoístico a desafiar a lei de sociedade:

> Homem nenhum possui faculdades completas. Mediante a união social é que elas umas às outras se completam, para lhe assegurarem o bem-estar e o progresso. Por isso é que, precisando uns dos outros, os homens foram feitos para viver em sociedade e não insulados.[5]

O comentário de Allan Kardec à questão 768 de *O Livro dos Espíritos* corrobora: ninguém vive só para si. A lei de sociedade é norma de bem viver.

A nota explicativa da questão 938, de *O Livro dos Espíritos*, também não deixa dúvidas: "A Natureza deu ao homem a necessidade de amar e de ser amado. Um dos maiores prazeres que lhe seja concedido sobre a Terra é o de reencontrar corações que simpatizam com o seu".[6]

1 João 13:34.
2 João 13:35.
3 XAVIER, Francisco Cândido. **Fraternidade**. Pelo Espírito Emmanuel. Brasília: FEB, 1975.
4 Idem. **Estude e viva**. Pelo Espírito Emmanuel. Brasília: FEB, 1975. p. 93.
5 KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Brasília: FEB, Ano. "Lei de sociedade", "Comentário à questão 768", p. 501.
6 Ibidem, "Penas e gozos terrenos", "Comentários de Allan Kardec", q. 938-a, p. 609.

> Que os espíritas sejam, pois, os primeiros a aproveitar os benefícios que o Espiritismo traz, e que inaugurem "entre si" o reino da harmonia, que resplandecerá nas gerações futuras;
>
> Não basta dizer-se espírita. Aquele que o é de coração prova-o com seus atos. Não pregando [...] senão o bem, o respeito às leis, a caridade, a tolerância e a benevolência para com todos.[7]

A arte de conviver em harmonia e produtividade é conquista imprescindível. A benevolência é pré-requisito para a tolerância. A tolerância é a vivência do respeito e do reconhecimento do valor do outro. Para tanto, faz-se necessário fortalecer os vínculos saudáveis e a integração, a autonomia e a responsabilidade, entre aqueles que se reúnem em qualquer seguimento de produtividade na colmeia humana.

Os vínculos saudáveis nutrem a alma e alimentam o coração. Para perpetuá-los, estenda algo mais de otimismo e de alegria aos que se encontrem nas suas faixas de convivências.[8]

Necessário, portanto, entender que a integração é base de sustentação e harmonia. Por isso, não se isole. Faça parte da equipe. Envolva-se com o interesse do grupo. Demonstre um pouco mais de paciência nos momentos de inquietação e evitará desgostos incalculáveis.[9]

Para buscar a autonomia, a saída é viver de forma independente. Para tanto, sirva a tudo e a todos, mas não seja escravo da opinião do outro. Você vive no mundo em meio de provas e lutas, desafios e necessidades, ao modo de aluno entre as lições de que precisa na escola, em favor do próprio aproveitamento; aprenda a suportar

7 KARDEC, Allan. **Revista Espírita**. Dezembro de 1868. Trad. de Júlio Abreu Filho. Cidade: Edicel, Ano. p. 360.

8 XAVIER, Francisco Cândido. **Respostas da vida**. Pelo Espírito André Luiz. Cidade: Ideal, 1975. p. 120.

9 Ibidem, p. 23.

os convites ao bem dos outros e você ganhará os melhores valores da resistência.[10]

No exercício da responsabilidade, não fuja à engrenagem do seu grupo, se deseja aperfeiçoar-se e progredir. Os outros são as áreas destinadas à complementação e melhoria dos seus próprios reflexos.[11]

Faça com que a convivência em grupo seja sempre mais leve e atrativa. Mobilize o capital do sorriso e observará que semelhante investimento lhe trará precioso rendimento de colaboração e felicidade. Uma frase de bondade e compreensão opera prodígios na construção do êxito.[12]

O ser humano necessita do calor afetivo de outrem, cuja conquista amplia o seu campo de emotividade superior, desenvolvendo sentimentos que dormem e são aquecidos pelo relacionamento mútuo, que enseja amadurecimento e amor.

O fluxo da vida humana se manifesta através dos relacionamentos das criaturas umas com as outras, contribuindo para uma melhor e mais eficiente convivência social.

O desafio do relacionamento – que gera o inter-relacionamento – é um gigantesco convite ao amor, a fim de alcançar a plenitude existencial.[13]

Necessário nos é entender que vivemos imersos em um vasto mar de vibrações permutadas, conforme assinala o benfeitor espiritual Emmanuel, no prefácio do livro *Sinal Verde*. Um verdadeiro tratado de etiqueta espiritual.

A obra sugere a regulação do "trânsito moral" com base na pequena ética (etiqueta). Mostra-nos que emitimos forças e recebemo-las, no contato uns com os outros. Considera que ajustar a sintonia com os que conosco convivem é estabelecer possibilidades de maior e melhor interação. Ato que previne o desgaste e potencializa a produtividade.

10 Ibidem, p. 24.
11 Ibidem, p. 41-42.
12 Idem, 1974, p. 14.
13 FRANCO, Divaldo Pereira. **O despertar do Espírito**. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 4. ed. Salvador: Livro Espírita Alvorada, 2000. cap. "Relacionamentos humanos", p. 135.

> A mente, em qualquer parte, dá e recebe, emite e recolhe. O pensamento vive na base desse inevitável sistema de trocas. Queiramos ou não, afetamos os outros e os outros nos afetam, pelo mecanismo das ideias criadas por nós mesmos. Daí o imperativo de compreensão, simpatia, aprovação e apoio de que todos carecemos, para que a tranquilidade nos sustente o equilíbrio a fim de que possamos viver proveitosamente.[14]

Um grupo de estudo em ação estará em constante sintonia. Trocará impressões e sinalizará,

14 XAVIER, Francisco Cândido. **Sinal verde**. Pelo Espírito André Luiz. Cidade: CEC, 1974. "Perante os outros".

com suas descobertas e construções coletivas, novos rumos num processo de crescimento mútuo.

Fator de desequilíbrio em qualquer grupo são os conflitos interpessoais. Situações delicadas, que exigem que a resolução dos problemas seja direcionada com maestria e cautela. Ouvir as partes envolvidas, sem tirar partido ou julgar e tentar resolver as pendências ou desavenças da melhor forma possível, sem respingos ou nódoas que venham a prejudicar a equipe, é o que se espera.

Na solução dos conflitos faz-se preponderante o exercício da escuta. Veja com bondade e ouça com lógica. Ante os outros: pense nos outros, não em termos de angelitude ou perversidade, mas na condição de seres humanos com necessidades e sonhos, problemas e lutas semelhantes aos seus.[15]

15 Ibidem.

Ao desenvolver os fundamentos à boa convivência, em um grupo de estudos, algumas atitudes precisam ser observadas para o bom andamento/entrosamento das inter-relações pessoais:

1. AMOR – a caridade em movimento é sempre o maior recurso para dar e receber o que há de melhor em cada um de nós. Seu exercício em um grupo de trabalho ou de estudo traz renovados horizontes de descoberta e produtividade.

2. FLEXIBILIDADE – a arte de "dobrar para não se quebrar" traduzida hoje por resiliência é ponto crucial para o sucesso de qualquer empreendimento. Sinaliza força e coesão, maturidade reflexiva, atitude de acolhimento e respeito ao outro e suas circunstâncias.

3. SENSIBILIDADE – é a ação perceptiva que abre as comportas da alma, percebendo em espí-

rito e verdade o coração do outro, suas necessidades e possibilidades.

4. AUTENTICIDADE – é a coerência entre a teoria e a prática; o equilíbrio e a força de expressão e ação.

5. VOZ – a emoção da fala, carregada com o magnetismo dos próprios sentimentos – precisa ter tonalidade não tão alta que assuste e nem tão baixa que crie dificuldade a quem ouça.[16]

6. PACIÊNCIA – a ciência da paz em ação promove a serenidade e o bom ânimo da equipe.

7. ENTUSIASMO – cuja definição é "Deus dentro" – sinaliza que Bem Eterno é a Lei Suprema; mantenha-se no bem a tudo e a todos e a vida se lhe converterá em fonte de bênçãos.[17]

8. BONDADE – é lhaneza no trato; *finesse* na inter-relação. Indica que é sempre possível achar a porta do entendimento mútuo, quando nos dispomos a ceder, de nós mesmos, em pequeninas demonstrações de renúncia a pontos de vista.[18]

9. TRABALHO – essencial para o bom andamento dos planos e projetos de estudo. O sucesso quase sempre se forma com uma parte de ideal e noventa e nove partes de suor na ação que o realiza.[19]

10. EMPATIA – a arte de colocar-se no lugar do outro; percebê-lo integralmente, a tal ponto de sempre descobrir o "lado bom" das criaturas e das situações, com tanta pertinácia que não ache oportunidade de criticar a ninguém.[20]

11. COMUNICAÇÃO – fique atento à comunicação; ruídos e falhas no processo de comunicação são perigosos. Imprescindível manter alinhada a comunicação com toda a equipe ou grupo de estudo: "Seja o vosso 'sim', sim, e vosso 'não', não. O que passa disso vem do Maligno".[21]

16 Ibidem, p. 13.
17 Idem, 1975, p. 84.
18 Ibidem, p. 18.
19 Ibidem, p. 87.
20 Ibidem, p. 112.
21 Mateus. 5:37.

Saiba manter o tom pacificador e o tônus equilibrado da conversação.

> Certamente não existem assuntos indignos da palavra e todos eles podem ser motivo de entendimento e de educação, mas sempre que os temas importunos ou difíceis forem lembrados, em qualquer conversação, o equilíbrio e a prudência devem ser chamados ao verbo em manifestação, para que o respeito aos outros não se mostre ferido.[22]

22 XAVIER, Francisco Cândido. **Sinal verde.** Pelo Espírito André Luiz. Cidade: CEC, 1974. "Temas importunos".

12. FALE CONVERSANDO, NUNCA DISCUTINDO. Lembre-se que a sua voz é seu retrato sonoro. Que imagens criam a sua voz? Evite o desgaste. Promova a conversação amena, produtiva e lúcida. Busque o ponto de equilíbrio: estabeleça a intercomunicação da equipe ou do grupo de forma clara. Harmonize o clima, o ambiente. Em tudo deixe um gosto de quero mais, de motivos para agir em equipe e com a equipe ou grupo de estudo... de trabalho.

> A voz descontrolada pela cólera, no fundo, é uma agressão e a agressão jamais convence. Converse com serenidade e respeito, colocando-se no lugar da pessoa que ouve, e educará suas manifestações verbais com mais segurança e proveito.[23]

Por fim: não feche as portas para o entendimento, para a troca nutritiva de ideias, interpretações e conclusões de forma coletiva e construtiva. Lembre-se: você possui inúmeros recursos de promover-se ou de melhorar a própria área de ação, sem recorrer a desrespeito, perturbação, azedume ou rebeldia.[24]

23 Ibidem, "Nos domínios da voz".
24 Ibidem, p. 49.

O conhecimento é de usufruto social. Precisa circular para oxigenar as percepções das novas ideias e descobertas. Abra-se para um infinito de possibilidades. Se você aproveitar o tempo a fim de melhorar-se, o tempo aproveitará você para realizar maravilhas.[25]

Recordando o Codificador:

> [...] Fora da caridade não há salvação. Ficai certos de que em torno dela é que a Humanidade inteira sentirá necessidade de se congregar. [...] Que, doravante, ela seja a palavra de união entre todos os homens sinceros, que querem o bem, sem segunda intenção pessoal. Mas fazei melhor ainda: gravai-a em vossos corações e, desde já, fruireis a calma e a serenidade que aí encontrarão as gerações futuras, quando ela for a base das relações sociais.[26]

Que as relações interpessoais nos grupos de estudo não somente harmonizem as diferenças na construção do conhecimento sério e comprometido com as luzes da Terceira Revelação; que, acima de tudo, promovam a vivência do exercício da caridade, segundo Jesus, interagindo em uníssono com o BIP alerta: **B**enevolência para com todos; **I**ndulgência para com as imperfeições dos outros; **P**erdão das ofensas;[27] trilogia que assegura a convivência pacificadora e altamente produtiva, em todos os núcleos de estudo e trabalho.

Como integrante de uma equipe de estudo, registre/arquive na própria consciência que o "[...] espírita, no conjunto de realizações espíritas, é uma engrenagem inteligente, com o dever de funcionar em sintonia com os elevados objetivos da máquina".[28]

25 Ibidem, p. 53.
26 KARDEC, Allan. **Viagem espírita em 1862**. Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Brasília: FEB, Ano. p. 5.
27 KARDEC, Ano (da obra O Livro dos Espíritos), p. 567.
28 XAVIER, Francisco Cândido. **Estude e viva**. Pelo Espírito Emmanuel. Brasília: FEB, 1975. cap. 36: "O Espírita na equipe".

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCO, Divaldo Pereira. **O despertar do Espírito**. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 4. ed. Salvador: Livro Espírita Alvorada, 2000.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Brasília: FEB, Ano.

_____. **Revista Espírita**. Dezembro de 1868. Trad. de Júlio Abreu Filho. Cidade: Edicel, Ano.

_____. **Viagem espírita em 1862**. Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Brasília: FEB, Ano.

XAVIER, Francisco Cândido. **Estude e viva**. Pelo Espírito Emmanuel. Brasília: FEB, 1975.

_____. **Fraternidade**. Pelo Espírito Emmanuel. Brasília: FEB, 1975.

_____. **Respostas da vida**. Pelo Espírito André Luiz. Cidade: Ideal, 1975.

_____. **Sinal verde**. Pelo Espírito André Luiz. Cidade: CEC, 1974.